

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

**A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas**

ROSA DE SOUZA SOARES

**Belo Horizonte
Minas Gerais**

Traços Biográficos

ROSA DE SOUZA SOARES

Nasceu em Nova Lima (MG) em 06 de junho de 1940. Órfã de mãe aos sete anos de idade permaneceu em colégio interno em Conceição do Mato Dentro (MG) até os dezesseis anos. Fez o último ano de ginásio em colégio interno em Corinto (MG). Segundo a entrevistada o regime de internato era bastante repressor.

Ingressou na Escola de enfermagem Carlos Chagas (EECC) em 1957 por influência de seu pai. Morava no internato na Cruz Vermelha e, posteriormente, na avenida Getúlio Vargas. No período de férias visitava o pai em Nova Lima.

O uniforme utilizado no estágio era branco, o avental engomado e uma toca branca na cabeça. No estágio de saúde pública usava-se meia fina e sapato preto. O uniforme de gala tinha uma capa preta em cima de roupa branca.

As aulas teóricas eram ministradas por médicos e enfermeiras. Relata que não existia laboratório nem biblioteca na EECC.

Fez estágio no ambulatório, no Hospital Carlos Chagas e no Hospital das Clínicas (HC) ta que o estágio que mais gostou, além de pediatria, foi neuropsiquiatria infantil.

Formou-se em 1960. Depois de formada trabalhou primeiramente no berçário do HC, sendo remanejada posteriormente para a pediatria, onde permaneceu durante vinte e seis anos. Trabalhou sete meses na clínica de oftalmologia no Hospital São Geraldo e no Controle de Infecção Hospitalar durante quatro anos, aposentando logo após.

Não teve nenhuma participação em associações. Participou do Congresso Brasileiro de Enfermagem em 1959; apresentou trabalho sobre hospitalismo no Congresso Brasileiro de Enfermagem em 1982. Participou da Jornada Mineira de Enfermagem em 1992.

Aposentou-se em 1990. Faz parte da associação de aposentadoria da faculdade de medicina. Foi membro da União Brasileira de Trovadores. Escreveu inúmeras poesias, principalmente relacionadas à área da saúde e aos profissionais. Faz teatro no Sesiminas atuando como atriz e autora. Tem planos de viajar e escrever uma nova peça.

Na visão da entrevistada a enfermagem mudou mas ressalta que há necessidade de maiores estudos por parte dos profissionais.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Referência à sua origem; sua família; o ingresso no colégio interno em Conceição do Mato Dentro (MG); a peça de teatro que escreveu retratando esse período; o regime repressor do internato; o episódio da “prisão de ventre”; curso normal; o ingresso na Escola de enfermagem Carlos Chagas (EECC); a influência do seu pai na escolha do curso; o significado do “ser enfermeira”; o comportamento imposto às alunas da EECC; a sua turma; os namorados e os apelidos impostos pelos colegas; o episódio do ladrão; o espaço físico e as refeições no internato; a localização das aulas teóricas e dos estágios; as funcionárias do internato; a cosamina; a aluna que imitava com perfeição a sirene da ambulância; o perfil de sua turma; menção a Georgina Otoni Chagas (Jojoca) e a Carmelita Pinto Rabelo; as festinhas da que a turma realizava; o uniforme; o período de férias.

LADO B

Menção a sua irmã; as aulas teóricas; a inexistência de um laboratório na EECC e a parte prática; segundo a entrevistada os alunos eram explorados nos estágios; o estágio de pediatria e de obstetrícia; a inexistência de Central de Material Esterilizado (CME); as dificuldades enfrentadas pela enfermagem em relação à ausência de recursos materiais; o estágio de neuropsiquiatria infantil como sendo o melhor, além da pediatria; o método utilizado na neuropsiquiatria infantil: “choque insulínico”; os apelidos que os alunos colocavam aos professores; o estágio em ambulatório; a inexistência da medicina preventiva; referência ao pediatra Dr. Armando Achilles Tenuta; o primeiro emprego no berçário e as dificuldades encontradas; a atuação da enfermagem em pediatria; a questão do hospitalismo; a irmã “casamenteira”; o relacionamento dos alunos da EECC com os funcionários e estudantes de medicina no Hospital das Clínicas (HC); as “horas dançantes” no Diretório Acadêmico (DA) da medicina; a participação no congresso de enfermagem em Engenópolis (SP) em 1959; a aluna da EECC que interrompeu os estudos a fim de se tratar de tuberculose; a “irmã Madre Ana Maria” (aluna da EECC) chamada; as “cantadas” recebidas durante os estágios; a inexistência de DA na EECC; a ausência de percepção, por parte da aluna, no que diz respeito às questões administrativas da EECC; a confecção dos uniformes.

FITA 2 LADO A

A formatura e as reivindicações realizadas pelas alunas; a solenidade de formatura; a releitura do seu diário de 1959; lembranças da época da escrita do diário; o relacionamento da Irmã Emília Clarízia com as alunas enquanto diretora; o relato da entrevistada como sendo uma “menina muito medrosa”; as inseguranças em relação ao início da vida profissional; a experiência em pediatria; o trabalho na clínica de oftalmologia, ressaltado pela entrevistada como rotineiro; a poesia que fez referente à clínica de oftalmologia; a apresentação do caderno de poesias; a experiência no CIH; a entrevistada relata que a EECC não serviu como referência para sua vida profissional; a dedicação aos estudos; a importância dos estudos para o profissional enfermeiro; o papel de cada profissional dentro da instituição de saúde; referência à sua filha; o trabalho de hospitalismo apresentado no congresso de enfermagem em 1982; as mudanças ocorridas na assistência pediátrica; a aposentadoria; a peça de teatro que a entrevistada escreveu; referência aos filhos; a aula de teatro no Sesiminas; a entrevistada menciona a viagem que irá realizar e a peça de teatro que irá escrever; a apresentação/explicação das suas poesias; participação na jornada mineira de enfermagem em Ipatinga, em 1992.

[LADO B NÃO FOI GRAVADO]

FITA 1 LADO A

Geralda: Fala para a gente, assim, um pouco sobre a sua família, sobre a sua infância, onde que você nasceu, o quê que você se lembra desta época.

Rosa: Vocês querem saber é da minha infância né [risos]. Pra juntar a saudade.

Estelina: Retratar. É.

R.: É, eu nasci em Nova Lima né. Filha de pai mineiro, mineiro duas vezes, de Minas e mineiro do que trabalhava na Mina de Morro Velho. Eu perdi a mãe com sete anos e fui para o colégio interno, que eu tinha, as minhas duas tias freiras eram, uma delas era superiora de um colégio em Governador Valadares (MG) e a outra morava lá. Então eu fui para o colégio interno. Colégio interno eu fiquei de oito aos dezesseis anos. Aos dezesseis anos eu saí e fui para a escola de enfermagem que era regime de internato também. Então eu fui interna com freiras né, praticamente em colégio de freiras durante, é, dez anos, né, é, onze anos, até os dezenove anos.

E.: Nesse período que você era interna, no primeiro período de internato seu, você saía? Tinha assim, nos períodos de férias, por exemplo, ou mesmo na Escola você tinha férias?

R.: Você diz na Escola de enfermagem?

E.: Não, antes da escola, no primeiro período.

R.: Eu tinha, é, no período de férias às vezes eu ficava no colégio e, mas, a maior parte das vezes, que a minha família era da mesma cidade, né, do, onde que era o colégio – Conceição de Mato Dentro. Então, às vezes eu ia para a casa de parentes, e, às vezes eu ficava no colégio, às vezes ia para Nova Lima também porque meu pai ficou morando sozinho, meus irmãos todos separaram, né.

G.: Eram quantos irmãos.

R.: Éramos quatro, éramos quatro. Então dois foram para Conceição (cidade) ficaram com um tio e, e uma, e nós duas, eu e a minha irmã do meio, fomos para o colégio.

G.: Como que era a vida nesse colégio? Vocês foram para lá com oito anos né, conta pra gente como que era a vida lá.

R.: É, colégio interno, engraçado, foi até um motivo de uma peça de teatro que eu escrevi que chama “Lembranças”, que eu ainda não apresentei em lugar nenhum, que eu gosto muito de escrever peça de teatro né ?. Mas eu ainda, não apresentei essa peça ainda não. E, foi muito interessante, muito interessante [riso]. Era uma vida assim totalmente diferente da vida hoje né, era um colégio de freiras que eram muito rigorosas. Existiam alunas de várias idades, várias etapas. Todas eram tratadas no mesmo nível né, não importava se você tem oito ou dezoito anos, você era uma, uma criança, mas era um adulto em miniatura, né?era tratada

como adulto e tinha que se comportar como adulto. Inclusive tinha aquelas velhas comparações, minha irmã era muito bem comportada [riso] ela tinha, quando eu fui para o colégio eu tinha oito anos, ela tinha treze. Então ela era muito bem comportada e, e, então havia aquelas comparações né: Marta muito bem comportada, a Rosa muito teimosa, muito pirracenta, muito isso, muito aquilo. Mas foi assim, não digo que foi um tempo assim totalmente ruim mas não foi tão bom não. Era, era assim muito repressivo né. Foi uma época muito repressiva mesmo. Tudo eu, é, a vida da gente se baseava no que era pecado e no que não era pecado né. Então tudo era pecado para as freiras. Inclusive você nem podia falar nome de homem, homem era perigoso, tudo, tudo isso. Problemas que mais tarde até interferiram na minha vida futura inclusive, em tempo de enfermagem e tudo. Então é, é, mas acontecia muita coisa assim engraçada, aquela novidade, todo ano trocava aluno, vinha alunas novatas, novos conhecimentos. Eu fazia, é, parte do time do, do colégio de vôlei. A gente ia em outras cidades jogar né, jogava vôlei bem e tudo. E, teve suas, seus pontos assim negativos, mas teve muita coisa boa também. Foi bastante divertido o tempo de colégio.

G.: E nesses períodos lá, você fez que cursos?

R.: Eu fiz do terceiro, do, do primeiro ano primário até a quarta série do ginásio no colégio interno.

G.: Você lembra de alguma situação que você vivenciou, igual você está dizendo – essa situação de repressão – algum caso que você se lembre assim que foi mais marcante.

R.: Não [risos] tem um negócio assim... [sobreposição de vozes] [risos]

R.: Tem um negócio muito engraçado né, que, é, uma freira que era até professora nossa de Trabalhos Manuais, a gente tinha Trabalhos Manuais, tinha Música, tinha Fancês, tinha Latim né, Inglês. E, essa professora, essa irmã, então, ela era, ela era, ela gostava demais de mim né. Ela considerava minha avó, como se ela fosse minha avó. Mas, ela, na ocasião, eu levei um sabão danado, é, acho que estava no terceiro ou quarto ano primário; porque ela foi contar para minha tia que era superiora que eu tinha, que eu estava falando, muita bobagem, que eu estava perguntando, perguntei para ela o que era prisão de ventre [risos]. Então, assim, era umas coisas que você não acreditava né. Então por aí você vê que, então as outras coisas, imagina, você não podia nem pensar né. Isso aí era pecado, eu pensar o que que era prisão de ventre.

E.: Uma curiosidade Rosa. Lá, eu tive uma experiência de fora de internato, em Peçanha (cidade) tinha internato e, o internato era separado da escola. Lá, o internato fazia parte da escola junto?

R.: É, tudo junto. Inclusive, é porque as aulas, as aulas a gente tinha junto com as externas, tinha as internas...

E.: Elas iam para o internato assistir aulas...

R.: E elas, e elas, é, a sala de aula era em um andar separado.

E.: Há!

R.: Então elas iam para o internato. Aliás, eu fui interna em três colégios. Primeiro em Governador Valadares...

E.: Não foi em Peçanha.?

R.: Dos oito aos dez anos (risos), não. Depois em Conceição do Mato. Dentro que eu fiquei de cinqüenta até e sessenta e cinco né. E depois foi em Corinto (MG), que eu fiquei um ano só...

E.: Você tem uma alta experiência em internato.

R.: ...e depois eu vim para a escola de enfermagem [risos].

G.: Então, então vamos um pouquinho por parte. Você saiu de lá do internato de Conceição do Mato Dentro até os dezesseis anos. A partir daí, como é que foi, para onde você foi, que que você fez,

R.: ...de Conceição do Mato Dentro até quinze anos e depois, quando eu fiz o último ano do ginásio, né, a quarta série foi em Corinto, né. E aí eu vim...

G.: Corinto como que era, era o mesmo sistema...

R.: Lá em Corinto, o regime era, não, não., lá era mais liberal. Lá a gente não usava uniforme. Lá não tinha internato assim, pensionato não, sabe. Lá era externato, mas eu era interna e tinha algumas alunas algumas pessoas que eram internas lá, que ajudavam na limpeza do colégio; esse tipo de coisa assim. E eu, então, fiquei. Minha tia era superiora lá, então fiquei morando lá. Depois eu fui para Nova Lima ficar com meu pai, e aí eu fiz inscrição no Instituto de Educação para fazer a prova aí, para fazer o [curso] Normal. Mas no fim eu não estava querendo porque eu nunca tive vontade de ser professora. Aí eu falei - não, professora eu não quero. Então meu pai sugeriu, a minha irmã era auxiliar de enfermagem aqui.

E.: Na época, o Instituto de Educação, você lembra como que ele chamava.

R.: Era Instituto de Educação mesmo.

E.: Era Instituto de Educação.

R.: Era. E a minha irmã já era auxiliar de enfermagem aqui. Trabalhava no Hospital São Geraldo. Então, meu pai sugeriu eu fazer enfermagem e pronto. Inclusive..

E.: Foi sugestão do seu pai.

R.: Foi. Eu estava muito desanimada também, além de eu não querer, eu não queria, na época ser professora. E, e estava muito desanimada com a programação da prova que tinha que fazer

aí, para entrar para o, para o, formação, curso de formação que chamava nessa época, não era mais normal. Então eu animei a fazer.

G.: E em enfermagem, como é que foi a sua entrada no curso de enfermagem. Você foi influenciada pelo seu pai, por alguém mais.

E Como é que foi, se houve alguma seleção. Como é que ocorreu esse processo.

R.: Não, a gente fez uma provazinha. É foi uma prova assim muito simples, sabe. Algumas coisas assim de, de, bastante elementar mesmo, de matemática, conhecimento de português, sabe, História. Eu lembro que às vezes eles perguntavam: 'porque você quer ser enfermeira' – no português, eu sempre fui muito assim, boa na redação, mas péssima na parte de gramática. Então nessa provazinha de português eu salvei na redação né, nem lembro mais o que eu escrevi não, mas minha redação foi boa, e foi o que me salvou. E, então foi um prova bem simples, sabe, essa prova que a gente fez.

E.: Deixa eu só fazer um esclarecimento. Você se lembra o motivo que o seu pai ter quase que escolhido a enfermagem para você?.

R.: É exatamente porque ele achava que era, é, a facilidade que a minha irmã, como já trabalhava no hospital, que, inclusive, visando que depois que eu formasse seria mais fácil conseguir emprego. Naquela época o pessoal agia muito assim na base da amizade, né. Quem conhecia as irmãs, tinha amizade, conseguia entrar fácil, não tinha concurso né. Então você entrava mais assim por influência de terceiros mesmos né. Então, eu me lembro que foi até, a irmã Inês, não me lembro do sobrenome dela, que, que, a minha irmã pediu, e tal, que ela conseguiu com a superiora; as irmãs é que mandavam mesmo no hospital né. Inclusive as unidades eram todas chefiadas pelas irmãs e, então com isso, eu acho que ele visou isso também, sabe. Que ia ser mais fácil pra mim pelo fato da minha irmã já estar aí.

G.: Nessa época você lembra, assim, o que significava ser enfermeira ?.

R.: A gente era cheio de idealismo né. Então, era, como, é igual a irmã Emília Clarizia, era um nome que ela explorava muito né, era o ideal. Então a gente já entrava cheia de idealismo, que a enfermeira era, era mostrada como aquela que, é, como diz a, a dona Georgina, era tipo uma, uma governanta era tipo uma governanta que tinha na escola, ela tomava conta de tudo da escola, até dos negócios da escola. Então um dia a gente correndo no corredor do hospital, ela: “Minha filha, para aí, enfermeira não anda, enfermeira desliza”. Então enfermeira era aquela pessoa divina é, é, sem defeitos né. Que impunha respeito, que trabalhava só por idealismo né, aquela coisa assim. Então eu tinha dezesseis anos, eu estava naquela época de, de fantasiar tudo também né. Tanto que a minha redação foi assim uma coisa assim bastante fantasiosa, né. Então, quase que, que, foi [risos]. Então, mas, foi isso.

E.: Pode contar esse interessante [risos] [sobreposição de vozes]

G.: Pode fantasiar aí para nós.

R.: Mas é, mas é isso, então a gente, é muito difícil, falar assim, eu lembrar, porque que foi, o que eu pensei quando eu fui, devido a idade, então, eu fui mesmo cheia de idealismo, cheia de fantasias né. Mas eu não me arrependi...

E.: Que tipos de fantasia você tinha. Você não arrependeu...

R.: Não, não me arrependi em momento nenhum de ter, de ter...

E.: Que fantasias você tinha a respeito da enfermagem naquele tempo, Rosa.[sobreposição de vozes]

R.: ...feito enfermagem não...não, era, era, exatamente, o pessoal pintava a enfermeira como, (...) em saí de um colégio de freiras, onde o, o importante, você tinha que ter uma auréola né [faz gestos com a mão]. Então, assim, você tinha que ser pura, você tinha que ser, é, quase que divino mesmo, né. Você tinha que ser perfeita. E você não podia ter outros interesses a não ser servir o próximo, é, né, essas coisas assim, viver para o próximo. Quase que você, se, é, se renunciar, renunciava mesmo né. Assim mesmo para viver em prol do próximo. Então, foi isso, assim que eu vim. Eu vim dessa forma, assim. Comecei logo que eu fiz dezesseis anos.

E.: Isso correspondeu às suas expectativas, quando você entrou na escola.

R.: É, enquanto eu estava na escola, sim. Depois que as coisas foram mudando, que a gente viu que realmente não podia ser assim, não devia ter sido assim. E que na verdade não era isso né, que eles colocavam para a gente, né. Então era aquela época, por exemplo, que era um absurdo você, você não podia conversar com um residente [do curso de medicina], ele tinha que ser chamado, tratado com todo respeito, é, doutor, né. Você não podia ficar rindo, tendo assim, mais descontração com eles, porque a, a, o pessoal achava que você estava saindo da linha. Enfermeira tinha, tinha que ficar na linha, no seu lugar. E, quase que a gente também era uma serviçal do médico né. A gente fazia só o que ele mandava, sem questionar, que o doutor falou, é aquilo, tá certo né. Com o tempo, a gente foi vendo que não era totalmente aquilo. Inclusive a gente tem ainda colegas- impressionante- a gente tem colegas que ainda pensam assim. Ainda pensam assim.

G.: Rosa, no início do curso, você disse da seleção. Algum fato interessante, que te marcou logo no início do curso, na entrada do curso.

R.: Não, o mais interessante no início do curso, no dia em que eu fiz dezoito anos, eu arrumei [risos] meu primeiro, meu primeiro namorado né. E, namorado na escola, era a coisa mais engraçada porque a nossa turma tinha gente bastante endiabrada mesmo, né. Tinha muita

gente bem comportada, mas tinha gente que era da pá-virada. E, então, quem arrumava namorado lá, namorado na escola, principalmente se fosse do primeiro [ano] né, como eu, no meu caso. Então, elas desciam mesmo e chateavam. E punham apelidos nos namorados e quase que, quase que, expulsavam os namorados de lá de tão sem graça que eles ficavam né.

E.: Isso era brincadeira das colegas?.

R.: É, as colegas né. Então quando a gente ganhava bolo de namorado a gente, a gente, por que não podia entrar com namorado na escola né. Mas aí quando o namorado chegava, o alpendre lá de cima da [avenida] Getúlio Vargas [n.167, sede do internato] já estava circulado assim das colegas olhando para ver o namorado que a gente tinha arrumado. E se a gente ganhava bolo, a gente tinha que marcar com o namorado na rua de trás, porque se a gente ganhasse bolo, a gente ficava uma hora rodando lá para não, para ninguém, despistar, bolo [risos]...

E.: Despistar...

R.: ...bolo, porque se chegasse na escola era a maior chateação, né, porque te deu o bolo....: tinha que despistar. [sobreposição de vozes]

E.:...como que era essa relação. Você podia trazer namorado...

R.: Mas, então a gente ficava, era, era na época que a Getúlio Vargas não tinha muito prédio ainda não, sabe, era mais casas antigas. Então a gente ficava era rodeando ali com o namorado sabe. Em geral arrumava era menino novo. Menino que não tinha dinheiro, que estava servindo o exército e tal. A gente não tinha dinheiro para cinema, não trabalhava né. Estava só estudando. Então a gente tinha cama e comida na escola. Então a gente só ficava rodando por ali, sabe. Mas, mas a turma pintava bastante. A irmã Emília Clarízia era nossa diretora na época,ela teve bastante trabalho com a turma, porque tinha muita menina nova, né.

G.: Eles não podiam entrar...

R.: Cheio de adolescentes. Não. Cheia de adolescente e ela se sentia mesmo responsável né por aquelas que estavam na escola, no internato né. Então ela era bastante rigorosa e a gente brigava, de vez em quando tinha umas turras lá. Mas pintava para danar também, né. Tinha hora que pareciam uma turma de criança mesmo, era aquela de. Tinha dois dormitórios, dois dormitórios, lá na Getúlio Vargas, eram dois dormitórios grandes né. Tinha mais ou menos de quarenta a cinqüenta alunos, porque só na nossa turma, terceiro ano, eram dezesseis né. Então ficavam mais ou menos essa, essa, quarenta a cinqüenta alunos na escola. E, então dois dormitórios mais ou menos, do mesmo tamanho. Então a gente pintava bastante, jogava travesseiro, brincando de cobra-cega em cima das camas. Irmã Emília flagrava a gente naquilo. Aí era aquela... [risos]

E.: E tinha castigo?

R.: Não, mas ela, ela, engraçado, às vezes ela falava assim, muitas vezes né, ela falava assim: “você são umas irresponsáveis, você nunca darão umas enfe, boas enfermeiras. Você são umas irresponsáveis”. Então era um termo que ela usava muito, né, era irresponsável. A gente estava naquela fase triste mesmo né de, de adolescente, não tem mesmo muita responsabilidade não. Mas, é, na ocasião, lá, a janela lá da Getúlio Vargas não tinha grade né. Então na ocasião, a turma acordou, não sei quem viu, tinha um vidro assim, vidro na janela e viu um rosto né de homem lá. Era ladrão né que estava rondando por lá. Subiu na janela e foi aquela gritaria. Todo mundo saiu de camisola e todo mundo na, na frente da cada de camisola e o ladrãozinho bem lá, assim, fingindo que não era com ele – Que que foi, o que que foi e tal [riso] – e no fim chegou a Rádio Patrulha [polícia]. Era, era o próprio né. Aí pegaram ele e levaram. Mas tinha, tinha umas coisas assim divertidas.

E.: Quando que você, quando você entrou para escola em mil novecentos...

R.: Foi, cinquenta e sete

E.: E você entrou para o internato na [avenida] Getúlio Vargas

R.: Foi, foi na Getúlio Vargas.

E.: Você, você tem assim lembrança de que data começou o internato na Getúlio Vargas.

R.: Pois é., e lá, lá foi em cinqüenta e sete né.

E.: Mas, começou lá em cinqüenta e sete. Você não lembra mais ou menos o mês.

R.: Não, é porque as aulas começaram em março né. Então foi mais, foi mais ou menos nessa época.

E.: Que começou o internato lá.

R.: É. É.

E.: E, e quando você saiu de lá para mudar de internato.

R.: Nós saímos em cinqüenta e nove, é, foi cinqüenta e nove, foi nosso último ano, e então já foi aqui na Cruz Vermelha.¹

E.: Pois é, é, você lembra quando vocês saíram de lá em cinqüenta e nove. Mais ou menos quando.

R.: Ah, foi bem no princípio do ano. Porque a gente...

E.: Em cinqüenta e nove.

R.: É., porque a gente ficou, é, o ano todo aqui, o último ano todo aqui na, na Cruz Vermelha.

E.: Quer dizer, lá você ficou 57, 58 59...

¹ A entrevistada retificou pelo telefone que ingressou primeiramente na Cruz Vermelha e posteriormente, em 1959, na

R.: É. Em cinqüenta e nove na Cruz Vermelha. É. Inclusive aqui era o parque [Parque Municipal], quer dizer, o parque tem pouco tempo que ele cercaram né. Mas, a gente estudava muito no parque. Era muito tranqüilo, então a gente estudava para a prova ali. Então lá não tinha ninguém. Era bastante tranqüilo.

G.: Oh Rosa, fala para gente um pouco mais sobre essa vida no internato. Quem que morava lá, se eram todas as alunas, se todas as alunas pagavam, se pagavam de onde que vinha o dinheiro. Fala para gente um pouco sobre isso.

R.: Não, lá não era pago não. A gente, é, morava lá, dormia e tomava refeição, as aulas e as refeições eram aqui no Hospital das Clínicas. Então de manhã a gente fazia o estágio e, a manhã inteira né, ia até meio-dia.

E.: No Hospital das Clínicas.

R.: É, no Hospital das Clínicas. E almoçava e já ficava aí ou se quisesse ir, lá na escola a gente ia né. E, e quando era tarde era o estágio já, sabe.

E.: As aulas teóricas eram onde?

R.: E todas as aulas e os estágios, tanto as aulas quanto os estágios tinha que ser com uniforme né. As aulas teóricas eram no Hospital das Clínicas, quarto e quinto andares de modo geral, [aquelas salas ali do quarto, quinto]. E, e , a única coisa, é, só a noite é que a gente tomava um lanche lá né. Que eles arrumavam lá para gente um lanche. Mas a refeição era aqui. Inclusive quando a gente terminava o estágio a tarde que a gente ia para a escola, mais tarde a gente voltava para jantar, lá para as cinco e meia, seis horas voltava para jantar.

E.: Agora o lanche da manhã, o café da manhã era no internato. Ou vocês, era, ou faziam aqui no hospital...

R.: Não, era, é. O café da manhã era no internato ?. O café da manhã era no internato.

G.: O café da manhã e o lanche a noite no internato.

R.: É, é. Agora, nada era pago, sabe. Nada era pago...

E.: Roupa de cama, essas coisas, eles lavavam, era deles?

R.: Era tudo, é, tudo era...

E.:...era tudo do internato.

R.:...do internato, era.

G.: E as funcionárias que tinham no internato. Além das alunas quem mais que morava no internato?

R.: Só tinha uma pessoa que ficava lá na copa e, e, encarregado da limpeza né?. E, que eu me lembro é só uma pessoa. E, é, tinha, motorista era da faculdade de medicina. Porque quando a gente ia para o estágio da, de saúde pública todo mês tinha uma turma no estágio porque a

gente fazia um mês em cada lugar né,. então o estágio de saúde pública, tinha um motorista que tinha um carro velho, tipo uma mini, mini, aliás tipo um microônibus né chamava, a gente chamava de` Coramina `que ela vivia enguiçada. Naquela época, é, remédio para coisa, problema cardíaco usava mais era a Coramina. Então essa, essa Coramina levava toda dia a gente para o estágio de saúde pública lá no Morro do Querosene. Era lá para aquele dado da, da barragem de Santa Lúcia (bairro de BH), né. E...

E.: Era uma favela?

R.: É. Era. Tinha, tinha uma parte que era, uma turma que fazia na favela do Morro do Querosene, inclusive, era bem menor do que é hoje, e tinha a outra que fazia no, no conjunto perto da barragem de Santa Lúcia chamava conjunto Santa Maria. Era um conjunto popular de apartamento né, populares, tinha gente assim bastante pobre também. Então a gente fazia mais estágio era para orientar, principalmente em relação a recém -nascido, criança, cuidado com criança, esse tipo de coisa. E a gente tinha uma colega, a Nair que era muito endiabrada.

E.: Nair de quê. Você lembra o nome dela.

R.: Nair Soraggi. Nair Soraggi Santos. Aí a Nair ia, ela imitava essa sirene de ambulância direitinho né. Então, para gente chegar depressa no estágio, ela ia pelo caminho com, a sirene dela ligada né. E todo mundo dava caminho porque era, era perfeita a imitação dela.

E.: Isso, ela estava dentro da Coramina e com a sirene ligada...[risos] [sobreposição de vozes]

R.: Dentro, e com a ..., e imitava assim direitinho[risos]. Então a gente chegava rápido, sabe. Não tinha trânsito que segurava a gente [risos]. Não tinha sinal, não tinha nada, ia direto.

G.: Rosa, é, no internato tinha, você falou dos quartos grandes, como é que eram os outros espaços? O da refeição, espaço para, estudo. Como que era assim em termo de espaço dentro do internato.

R.: É, engraçado. Lá, lá não tinha, não me lembro, não tinha sala nenhuma assim para estudo não. A gente estudava na cama mesmo, a gente estudava, tinha sala também, tinha uma sala né, pequena, a sala na frente assim porque às vezes a gente estudava por ali mesmo. Ah! Tinha, tinha embaixo também tinha uma areazinha que era onde, parece que tinha um porão, tinha um, uma lavanderia, tal. Então. a gente ficava espalhada por ali, tinha uma pequena área cimentada. A gente sentava por ali, ficava estudando. Não tinha área específica assim para estudo não.

G.: E em relação às normas gerais de funcionamento, as regras do internato...

R.: É,...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

R.: ...por isso, pois é...

G.: Como que era isso, quem que controlava...

R.: Pois é. Irmã Emília Clarezia que controlava nesse tempo. E a gente tinha hora de chegar né. Depois das nove ninguém entrava. Tinha, que ser até as nove horas.

E.: A Jojoca [Georgina Otoni Chagas] não era mais desse tempo?

R.: Ah, é. Inclusive a Jojoca era engraçada. Ela, era desse tempo.

E.: Pois é, mas quem controlava era a Jojoca ou a irmã Emília ?. Ou as duas ? .

R.: Não, as duas, as duas. A Jojoca, inclusive, ela foi mais constante foi depois que nós mudamos aqui para a Cruz Vermelha porque ela tinha um apartamento lá perto né, então ela ficava assim um pouco no apartamento, um pouco na escola. Mas a presença dela foi mais constante aqui na Cruz Vermelha. Então, a Jojoca era engraçada, porque ela era bem brava também e ela, mas ela gostava muito da nossa turma. E, ela não admitia ser chamada de, de dona Jojoca. Então tinha que ser dona Georgina ou Jojoca [risos]. Então ela ficava brava de ser chamada...

E.: Dona Jojoca.!

R.: Dona Jojoca era a morte.

G.: Como tinha as normas, e punições. Havia alguma punição, ou alguma situação...

R.: Eu, olho, eu não lembro de punição não viu. Nada de suspensão. Podia até ser que houvesse, até que houvesse, mas não me lembro não, desse tipo de coisa.

G.: Em relação aos namoros que você já falou, né...

R.: É, não. Até que a turma lá, o pessoal lá era bem comportado.

E.: Era namoradeira mas bem comportada.

R.: É, inclusive, é, quer dizer, ninguém ficava lá dentro da escola para a irmã ver né. Mas naquela época a gente, de modo geral, era mais, devido também a educação, porque, é, não era tão liberal quanto hoje né. Então o pessoal era mais, nossa, pegar em mão de namorado era só depois de uma semana né. Tipo de coisa assim. Então todo mundo se, se continha né, nesse ponto. Inclusive teve duas que ficaram noivas lá. Uma ficou noiva até de um médico, é, a Helena [Martins Bernadino] ficou noiva, durante o período de escola. E a outra, não me lembro onde que ela morava aqui em Belo Horizonte, a família dela, nós fomos... Tinha as festinhas de aniversário também que a gente fazia sabe. Todo o aniversário de uma, de outra de turma a gente fazia. E, às vezes a, a, eu não me lembro se a dona Zulmira [Chaves] foi da época lá da Getúlio Vargas ou se foi daqui, da Cruz Vermelha. Sei que ela trabalhou, teve uma época que ela ficou lá na cozinha também. Às vezes ela fazia bola lá, as meninas pediam para fazer bolo de aniversários. E fazia aquelas festinhas, sabe, animava e cantava, colocava, disco lá. Não tinha televisão né, televisão não tinha não. E, eu era, ...

E.: Como que eram essas festas ?

R.: E essas festas a gente fazia, é, mais gozação né, cantava e tal. Tinha uma que tocava piano e, eu fazia as poesias, eu fazia os, os,... a gente cantava “Se a Perpétua chorasse” (música) e aí eu colocava versos para cada uma né, já escrevia de antecedência gozando o pessoal, sabe. Então eu era a escritora, escritora da turma.

E.: Disso aí você não tem nenhum registro não.

R.: Não tenho, não, não tenho não. Engraçado que eu só me lembro da, da música da Carmelita, [Pinto Rabelo], pra Carmelita que eu fiz né, da Caribé. Falei que ela, ela tinha apelido de Caribé. Ela tinha namorado na Bahia, que ela foi contara para turma né, que chamava Caribé, então ela ficou com esse apelido. Então a gente, é, quando, eu só me lembro da Carmelita a gente falava: “Atenção momento solene, acompanhemos com fé, subindo para o altar Carmelita e Caribé – [a entrevistada canta]. Aí a turma cantava, “Se a Perpétua chorava”, e vinha outra música. Então cada uma a gente colocava sabe, uma coisa. Mas era divertido, era, a turma era, era muito boa. Tinha, tinha, cada uma tinha uma característica né. Eu sou da turma da Alaíde Esteves [Lima] também. A Alaíde Esteves era, era a mãezona da turma né. Era a que, ela era assim tanto ela quanto a Eliza Flora. Elas, eram, eram as duas mais velhas da escola, então todo mundo aconselhava, ela aconselhava todo mundo né e tal. E protegia e, sabe, esse tipo de coisa. Eram as protetoras mesmo da turma. E tinha a, a Guiomar [Gomes Menezes] também. A Guiomar era conselheira...

E.: Qual Guiomar.

R.: Vivia dando conselho... Ela, ela trabalhou depois por último lá, em João Monlevade (MG). Depois...

E.: Você não lembra o sobrenome dela não.

R.: Não tive contato com ela. É, tem no convite, no convite tem o sobrenome de todo mundo. Eu esqueci o nome sabe...

E.: Ah, tá...

R.: Mas, então cada uma tinha uma característica. Então em cima da característica de cada um a gente fazia essas gozações também, nos aniversários.

G.: Além da diversão né, das festas. E a, a questão da religião. Existia algum capelão, como que era a vida religiosa.

R.: Lá assim, na escola mesmo não tinha capela não né, tinha aqui no Velho São Vicente né, aquele velho São, o Hospital São Vicente. Inclusive eles derrubaram aquela parte antiga dela lá. E a irmã, mas a irmã Emília era assim, ela era bastante exigente em relação a religião. Então a gente era obrigada a ir nas prece, procissões de , de, de quase Todos os Santos,

procissão de não sei o quê. É, tudo uniformizado. Então tinha aquele uniforme de gala, né. Porque tinha um uniforme comum que era um, a roupa toda branca, o avental engomado, aquela toca branca, em pé também engomadinha. Sem rede não podia ficar de jeito nenhum, não podia aparecer nenhum fio de cabelo. Tinha que ficar com rede para trabalhar. E tinha a, o uniforme de gala que era uma capa, levava uma capa preta também.

E.: Em cima da roupa branca.?

R.: É. Em cima da roupa branca.

E.: Era toda preta.

R.: É, uma capa preta. Então essa capa que a gente ia, assim, nas festas religiosas né, procissão, esse tipo de coisa.

E.: Que comprimento tinha essa capa...

R.: Inclusive tinha até retiro espiritual também, sabe. Ela arrumava o padre para a gente fazer o retiro. É, a capa não era muito comprida não. Ela, ia um pouco para baixo da cintura. E ia pouco abaixo da cintura.

E.: E você disse que se assistia aula tanto prática como teórica sempre tinha uniforme.

R.: É, sempre tinha uniforme.

E.: Mesmo com a touca para a aula teórica ?

R.: Com a touca, com tudo, com a touca, com a rede...

E.: Era completo o uniforme ?

R.: Uniforme completo.

E.: e sapato, meia, como é que era?

R.: É sapato branco e meia branca três quartos.

E.: E tinha comprimento determinado dessa roupa?

R.: É, [inaudível] naquela época usava roupa comprida mesmo, para baixo do joelho né?

E.: Mas elas não tinham; muito assim, cisma de que estivesse um pouco menor ou maior não...

R.: Não, não. Não implicava não. Mas eu acho que, que ninguém usava roupa acima do joelho não. Eu acho que não. Que eu me lembro não.

E.: A mini-saia ainda não tinha chegado ainda não.

R.: Nem [risos]. Estava longe, bem longe. Não tinha chegado não.

G.: Rosa, e as férias no internato. Você tirava as férias no ano, você...

R.: É, a gente tinha aquele período mesmo de fim de ano né. Que a gente terminava as provas lá para antes do Natal né. Depois só voltava em final de fevereiro, princípio de março né. E...

G.: Você passava as férias onde ?

R.: Eu passava em Nova Lima. É, com o meu pai lá em Nova Lima. Eu passava sempre lá.

G.: Ficava...

R.: E nessa época a minha irmã que é...

[FINAL DA FITA 1 LADO A]

FITA 1 – LADO B

G.: Na época que eu entrei na escola, ela entrou para o Carmelo aqui do, do, é, Nossa Senhora Aparecida das irmãs Carmelitas enclausuradas. Hoje em dia ela mora em Divinópolis [MG] no Carmelo de lá, mas [foi para lá]

E.: Você, você falou um pouco de aula teórica. Normalmente quem davam estas aulas e o que que era dado ?. Como que era a divisão, por exemplo, tinha alguma enfermeira que dava aula prática? Como que era essa divisão?

R.: Não, o negócio era o seguinte , os médicos de modo geral davam, por exemplo, aquela parte mais médica né – Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Dermatologia, Urologia e tal. E a, e vinha a enfermeira e dava a parte de enfermagem – Enfermagem em, em Cirúrgica – Enfermagem Clínica Médica, Enfermagem em Urologia, Psiquiatria. Então sempre as enfermeiras e que davam né. Então tinha a Dona Rosa [Lima] Moreira que foi nossa professora, dona Daura [Pacheco Ribeiro] foi nossa professora, Aparecida Freire. É, tinha a, a Dona Maria do Rosário de Barros né aquela que até faleceu. E, tinha vários médicos que davam aula para gente, doutor Wilson[Couto], Dr Osuíno [Penna Sobrinho], Dr Wilson Marinho, Dr Wilson, aquele outro Dr Wilson, cirurgião, Wilson, esqueci o nome dele. Então vários médicos davam. Então era, era uma mistura entre médicos e enfermeiros que davam aula para gente.

E.: E vocês tinham nessa época laboratório?.

R.: Os laboratórios, não existia ainda o laboratório central. Então os laboratórios eram em várias unidades né. Pediatria tinha o seu laboratório. E foi o lugar que nós fizemos mais estágio, a maior parte da turma, foi na Pediatria. Porque o Dr Osuíno trabalhava no, no ambulatório de pediatria e ele que dava Parasitologia para gente né. Então todo mundo conhecia mais ele.

E.: Por exemplo, então por exemplo, vocês faziam uma parte teórica, por exemplo, vocês já começavam a dar, a praticar direto no campo.

R.: Não, era, era engraçado por que a gente fazia estágio de, em clínicas que a gente não tinha tido nada de teo, de teórico sobre aquilo. Então era assim aleatoriamente.

Então escolhia tal turma vai pra, tantas vai para tal clínica. Tanto que o meu primeiro estágio em pediatria, foi o meu primeiro estágio que eu fiz, quando eu entrei...

E.: Daí a paixão...

R.: É. Foi na pediatria. E eu só fui fazer Enfermagem em Pediatria no terceiro ano, sabe. Então, assim, não acompanharam não.

E.: Então nesse período seu não tinha um laboratório na escola.

R.: Não, não tinha não. Não, na escola não tinha nada...

G.: Um laboratório de técnicas...

E.: Um laboratório de técnicas...

R.: Não, não, não. Não existia ainda não.

E.: Vocês já iam direto, por exemplo, a primeira injeção sua, você não treinava em nada...

R.: Não, não... [sobreposição de vozes]

E.: ...ia direto para o hospital, já fazer no paciente.

R.: Ia direto, direto. Agora, quando foi, a gente veio pro, é, aqui para a Cruz Vermelha, parece que começaram a montar né. Pelo menos é, eu me lembro de um manequim né que a gente começou, Mas aí a gente já sabia tudo isso, já tinha treinado. [Mas só no paciente]...

E.: quer dizer, na sua época, vocês não passaram pelo laboratório...

R.: Não, não. E, e tinha também o seguinte, o aluno de modo geral era muito explorado, sabe?. Eles, é, por exemplo, faziam assim uma escala, a gente trabalhava domingo sim, domingo não. Então muitas clínicas faziam a escala do domingo e do sábado, né -uma semana a gente trabalhava no sábado, outra no domingo. É, na escala só tinha, assim, aluna. Então a aluna contava como se fosse uma funcionária. E, inclusive existia clínicas, que, Ginecologia por exemplo, eu já trabalhei sozinha domingo. Totalmente sozinha. Ortopedia a gente trabalhava muito sozinha...

E.: E você enquanto aluna...

R.: Só aluna... [sobreposição de vozes]

E.: E em que período você estava...

R.:...e davam folga para todos os funcionários, sabe. A gente, explorava a gente para ficar levando paciente no RX, para fazer serviço de atendente, preparar material, sabe. Tudo isso, nesse ponto a gente era explorada. Então a gente não aproveitava tanto, como podia né...

E.: Por exemplo, nessa época que você ficou sozinha, que período que você fazia?. Você já estava mais adiantada, [no período]...

R.: Não, esse, esse, inclusive foi, foi no, no primeiro ano, foi dos primeiros estágios, acho que foi segundo ou terceiro estágio meu, foi Ginecologia. Então assim foi, é, esse, esses, a gente,

não sei, a gente tinha medo mas ao mesmo tempo não tinha também a noção né, do, da responsabilidade. Não tinha tanta noção do quanto de responsabilidade acarretaria aquilo para gente né. Então a gente não tinha muita noção dessas coisas não. Então a gente estava lá, eu já sei dar remédio, eu já sei fazer injeção né. Então dava o remédio na hora certa...

E.: E não tinha supervisão [lá não]...

R.: Era naquela época que usava aquele radium né, tratamento com radium, é, de, eu não sei se ainda se usa. É, é, nas, coisas, CA [câncer] de útero. Então aquela coisa, a gente, é, manipulava aquilo sem nenhuma proteção, aquele mal cheiro que a gente quase desmaiava. A gente não tinha, é, assim, também maturidade sabe, para certas coisas, por ser muito nova. Então a gente não tinha maturidade para enfrentar certas situações né. Então...

E.: Como que era a supervisão do professor?.

R.: E não existia supervisão. Era assim, a gente era entregue, apresentava à chefe do serviço, pronto. Então a chefe de serviço orientava a gente sobre a rotina, tal né. E o que a gente precisasse, dúvida que tivesse, seria com ela né, para esclarecer. Mas a gente não tinha, assim, supervisão direta da escola não, nenhuma sabe. Então tinha, teve muita gente, assim que algumas chefias praticamente não dava apoio nenhum, só apresentava a rotina e deixava a gente para lá. Mas teve coisas, assim, foram muitas

boas né, como por exemplo, as da maternidade. Como por exemplo Vitória que era ótima, muito competente....

G.: Vitória...

R.: É, a, a, Vitória de que...era, eu não lembro, eu não lembro do sobrenome dela. Tem a Yole [de Carvalho] Mazzoni né, que era muito boa também...

E.: A Vitória [Maria Vitória da Silva] que era professora aqui da escola.?

R.: Que era professora aqui da escola, é. Então tinha muita gente, assim, que dava é, bastante apoio né, ensinava bastante. Inclusive na maternidade eu cheguei a fazer seis partos né. Naquela época a gente, não sei se ainda, coisa, mas a gente fazia os partos com a, com a inclusive as enfermeiras, né, obstetras, elas que faziam os partos normais né. Só se precisasse é que chamava o médico. Então eu cheguei, eu me lembro que eu cheguei a fazer seus partos nessa época que eu era aluna. Mas tinha muitos estágios que você aproveitava bem, sabe. Mas, é, grande parte a gente era assim bastante explorada, nesse ponto sabe. As coisas que, que o funcionário não gostava de fazer, manda aluna. E assim a gente ia. E a gente pegava muitos esses serviços de atendente também, sabe, pra gente. Porque a Central de Esterilização praticamente não existia. Ela era só para autoclavar, mandar o material que era para autoclavar. Mas você já tinha que mandar tudo certinho, tudo empacotadinho. Inclusive era

época, de, que usava era ferver seringa, agulha né. Fervia. Era tudo fervido. Então na pediatria, eu me lembro lá no berçário, tinha o tal do, “esterilizador”, né, que a gente, a gente, toda, final de plantão, ia passar para o o plantão seguinte, você tinha que entregar o esterilizador areadinho, limpinho né sem seringa nenhuma lá dentro. Já sem agulha. Fervia a agulha. Fervia até cateter né. Então o material era assim, uma coisa escassa, não existia aquela variedade de material que tem hoje. Uma sonda, por exemplo, ela tanto podia ser, uma sonda vesical como um cateter de respiração, como, é, é, um, um cateter de oxigênio. Tudo era feito com a sondinha vesical né, variando só, a coisa, só, só a nasogástrica que era até, mas era tudo borracha também né. Estragava num instante. Tinha aquelas soluções. Não eram, num, num não existia o óxido de etileno. Então tinha aquelas soluções que eles chamavam esterilizantes. Que no fim, não eram realmente esterilizantes, eram desinfetantes né, o tal de Germekil. Então era colocado ali e usava até nas agulhas né. As agulhas sempre tinham que amolar na pedra. Já tinha a pedrinha lá para amolar porque não tinha descartável. Então era assim, a gente trabalhava com muita dificuldade. Inclusive nem equipo de soro descartável não existia né. Eram aquelas de borracha com vidro e a gente tinha que lavar e depois às vezes quando vinha da autoclave vinha colabando né. Aí você tinha que sair descolando aquele negócio, outra hora tinha que desprezar, pegar outro. E você tinha, que, depois que fizesse a transfusão de sangue você manipulava aquilo, nada de luvas, né, também. Você não tinha praticamente proteção nenhuma. Então, era, você tinha que manipular aquilo, lavar lá na pia aquela, aquele sangue todo. Depois deixar escorrendo para depois enrolar, mandar para autoclavar. Então era, o material, era assim, muito escasso, a gente lutava com bastante dificuldade. Luva você tinha que mandar já prontinha para a esterilização, já entalcada, já tudo, dentro do pacote direitinho né. Então tinha, a gente, as alunas eram muito exploradas nesse ponto também, sabe, para o preparo do material. Então a gente perdia bastante tempo assim no estágio. A gente podia ter aproveitado muito mais né, e, mas por causa disso não.

G.: Rosa, você está dizendo que o ensino parecia que era muita teoria, muito junto com a prática, e a prática, né, assim...

R.: Não, era totalmente dispersa, separada da teoria. Não tinha nada a ver uma coisa com a outra. Depois que você fazia estágio que você ia ter a teoria às vezes, né.

G.: Então, por falar nessa teoria, você já disse né, que eram as enfermeiras, eram os médicos que davam. E existiam livros, apostilas. Como que eram dadas...

R.: Não, não...

G.: E essas aulas teóricas...

R.: Nem livro e nem apostila. O único livro que nós tivemos foi da História da Enfermagem da Waleska Paixão, só. E nenhuma apostila nenhum livro. Então a gente, eu, eu sempre escrevi muito depressa. Então, eu era uma das porcas alunas que conseguia anotar tudo, tudinho. O professor ia falando, eu já estava anotando, mas também estudava depois né. Porque na hora que ele estava falando eu só estava preocupada em anotar. E, então, o pessoal todo, é, copiava de mim. De vez em quando roubava minhas anotações, eu, eu, brigava...

E.: Não tinha xerox naquele tempo, né.?

R.: É. Brigava, era aquela confusão. Então, mas, não existia livro não. Então, a gente às vezes, quando a gente queria a gente ia, ia na biblioteca da Faculdade de Medicina pegava os livros, sabe. Principalmente, assim, livros, mais livros de medicina viu, enfermagem, a gente num...

E.: ...não existia...

R.: Não tinha não.

G.: E que disciplina que você gostava mais, na teoria.

R.: Eu, eu gostava demais de Psiquiatria né, gostava demais mesmo. Tanto que meu estágio, um dos estágios que eu mais gostei foi, além da, pediatria, foi Neuropsiquiatria infantil que nós fizemos. Numa época que era terrível essa Neuropsiquiatria infantil, né.

E.: De onde?

R.: Neuropsiquiatria Infantil. Ela até hoje – Centro Psicopedagógico Pediátrico [CPP] é ali na, não é na [rua] Padre Marinho, não. É, é, ali na [rua] Manaus, por ali. Não, na, na, esqueci o nome da rua, aqui no [bairro] Santa Efigênia. Eles até, quer dizer, houve muita melhora depois, eles até reformaram agora o prédio. Tem uns pacientes crônicos lá que eles estão, é, fazendo uma casa separada para eles né, aqueles mais velhos, para deixar só para crianças mesmos. Mas naquela época, era assim terrível, era muito engraçado que a gente divertiu. E, a gente foi lá assim mais só para divertir mesmo, que aprender você praticamente não aprendeu nada. E para segurar o paciente para choque insulínico né. Então existia aqueles choques terríveis. Então botava os alunos lá para segurar. Depois o, o paciente ia para cama você tinha que ficar vigiando, para quando ele levantasse, levantava tonto, para não cair. Então, assim, a gente, eu gostava sabe. Eu gostava porque eu achava divertido lidar com esses, aquelas crianças, mas...

E.: O que era esse choque insulínico?

R.: Mas, esse choque insulínico eles, eles injetam insulina na veia, uma certa dosagem, eu não sei, deve ser uma dosagem grande. E, e, como se fosse um choque elétrico mesmo de alta voltagem. Então, é, então. E tinha...

E.: Em que idade.

R.: Todas as... Para dopar. Aquilo era um método de colocar o paciente agitado tranqüilo, né. Então o paciente saia, dormia. Então a gente tinha que segurar todas as articulações porque o choque era tão violento que tinha perigo até de fratura né. Então se, se, a gente segurava todas as articulações do paciente, eles injetavam insulina. E ele pulava mesmo como se fosse choque elétrico, né. Então era, era mais o que a gente via, usava demais nessa época. E, e, fora isso, eu gostava mais mesmo era de, era, era, pediatria mesmo.

G.: E de professores, algum professor assim marcante nessa época...

R.: Não, não me lembro não.

E.: Ou marcante no bom sentido ou no mau sentido [risos].

R.: No bom ou no mal. É engraçado, tem tanto tempo, que a gente.... Eu não me lembro mais assim...

G.: Rosa...

R.: Ah sim, eu me lembro, assim, eu me lembro dos apelidos que a gente colocava nos professores, né...

E.: Por exemplo.

R.: Então tinha o de, urologista que era chamado Dr. Xixi, tinha o de, é, o Josefino Aleixo que a gente chamava de Confurino Aleixo que ele era meio complicado para explicar. Tinha a, a Irene Custódia que dava aula de psicologia que a gente chamava de Irene Custosa. Então, assim, a gente gostava, né, de fazer, de botar apelido assim. Mas tinha, tinha uns professores assim, é, de modo geral eles eram bons. Eu não, eu assim, não me lembro assim de nada específico, assim relativo mesmo não.

G.: Além dessa prática no Hospital das Clínicas, é, não tinha estágio em outro local. ?

R.: É, a gente fez estágio, então, de ambulatório fez estágio, no, é, a gente fazia nos ambulatórios, mas é engraçado que, é, o, como distribuir ficha era uma coisa indesejada para todo mundo porque a população investia em cima mesmo, e xingava e brigava, porque não sobrou ficha, que era pouca ficha. Então eles empurravam para aluna também. Então a função da gente mais nos ambulatórios era distribuir ficha, levar a, o prontuário para a mesa do doutor, botava lá, doutor pedia o remédio, você ia buscar para ele. Pegar no armário tal e tal coisa. Então era esse trabalho que a gente fazia em ambulatório. Não fazia nenhum trabalho educativo. Aliás, medicina preventiva praticamente não existia também né, não existia. E, tanto que pediatra na década de 60 ou antes ainda, é, acho que mais de 50%. das crianças de berçário, é, que eram internadas em berçário, era por diarreia e desnutrição né. Então foi na época de, em uma época, assim, que muita criança perdia a vista, por avitaminose A, né, xerofthalmia. Então tinha, você via mesmo muita criança com o olho vasado ali dentro da

enfermaria, desnutrição de último grau. Escorbuto que você olha quase não se vê hoje, muito escorbuto, sabe ?. E, até o Dr. Armando Tenuta, ele até já faleceu, era médico, assim, mais idoso que tinha lá. E ele, então, ele chamava a desnutrição de doença de JK, né. [Juscelino Kubischek] porque ele falava – enquanto o, é, JK constrói Brasília o povo está aí morrendo de fome né, está gastando dinheiro na construção de Brasília – então ele não gostava de JK. Então era muito caso de desnutrição que tinha na pediatria. E assim, a gente fica vendo assim como que era tudo precário e como que a gente entrou, eu, por exemplo, quando entrei como funcionário, sem entender assim praticamente nada, o porque de nada era só obedecer as ordens médicas. E não tinha também, é, divisão de funções, de auxiliar e enfermeiro não. Todas faziam as mesmas coisas. A gente era colocado assim na escala. Por exemplo eu trabalhei, trabalhava, primeiro ano que eu entrei para trabalhar na pediatria, eu entrei trabalhando com dezoito crianças de um berçário, incluindo duas incubadoras. Duas crianças de incubadora porque não ficava na maternidade, jogava para pediatria, e, sozinha à tarde, só eu. E ainda tinha que preparar o material, deixar tudo pronto para os entregar. Tudo empacotadinho para esterelizar, lavava o equipo de soro, lavava a sonda vesical, tudo isso. Dar mamadeira, então tinha uma servente que ajudava a gente a dar a mamadeira. Inclusive eu tenho uma poesia que chama “Pediatria Década de Sessenta” e...

E. :Nós ainda vamos falar dessas poesias [risos].

R.: E que fala sobre isso. Mas então, assim, é, é. as coisas, depois com o tempo que a gente foi vendo necessidade né da gente... a necessidade psicológica da criança, o negócio em Enfermagem em Pediatria era só você chegar, dar mamadeira, fazer injeção, dar remédio, segura aqui se o menino não quer tomar remédio. Segura aqui para dar injeção. Era isso né. E tinha uma servente que ajudava a gente a dar mamadeira, né. Então a gente, as mamadeiras, assim, você não, não, não tinha conhecimento da necessidade da criança de, de ter afeto, aconchego, ficar no colo na hora de mamar. Então você pegava, tinha os cobertores, pegava os cobertores, colocava escorão em cada mamadeira. Era uma, um berçário era uma sala grande, maior, duas dessas assim [sala 413 - 4º. andar da EE UFMG]. Então você saia de berço em berço olhando quem que acabou, quem não acabou. Vira mais a mamadeira para não engolir ar. Então era isso, então a criança. Hospitalismo nesta época era engraçado, mesmo né, porque a cri, e a hospitalização eram muito prolongadas. Eram crônicas, o paciente ficava crônico no hospital, tanto adulto quanto a criança. Que todo o serviço social era resolvido dentro do hospital : Ah não podia ir para casa porque não tem condições disso, não tem condições daquilo no interior, mora longe - então ficava toda a vida. E assim, é, às vezes, hoje em dia, é, é, mas condições assim, em que o paciente poderia ir para casa né,

continuar o tratamento em casa, não, ficava no hospital até sarar completamente e não ter mais nada né. Então, a gente, tinha muito... É, medicina preventiva não existia mesmo, então isso tudo dificultava.

E.: O que que se fazia no, no, durante os estágios de Saúde Pública.

R.: Nos estágios de Saúde Pública a única coisa que a gente fazia era orientar mais, principalmente em relação ao cuidado com a criança e recém-nascido né, principalmente. É, então, e lá também tinha um posto, que a gente também distribuía fichas.

E.: Lá que você diz, é na, na favela do Querosene.

R.: É, lá perto, lá perto, era, era, ali perto do...

E.: Da favela do Querosene [inaudível]

R.: É, antes da favela né, tinha um posto. E ali a gente distribuía fichas, a gente ia, distribuía leite. Que inclusive nós fizemos estágio também no lactário do Hospital Militar. O lactário de lá era só distribuição de leite também, sabe. Então a gente não aprendia nada lá não. Era só distribuir leite para a população, fazia aquelas filas, para os militares e distribuía. E, esse leite, lá também nesse estágio de Saúde Pública, a gente ensinava a fazer o curativo umbilical. Tinha uma irmã que a irmã, irmã Ana Maria foi da nossa turma né. Então a irmã Ana Maria a gente não respeitava ela não. Brincava muito com ela e tal. E, ela tinha mania de fazer o casamento do pessoal lá da favela, então a gente que morava há muitos anos lá, ela insistia, insistia, até casar [riso].

E.: Era casamenteira.

R.: Era casamenteira.

G.: Rosa, e, nos estágios em geral como que era o relacionamento de vocês com, com as funcionárias, com as auxiliares, ou com outros estudantes de medicina ou de outras áreas. Como que era o relacionamento de vocês ?

R.: Que eu me lembre, de um modo geral, o relacionamento era bom, né. Com exceção só desse ponto que eu achava que a aluna era bastante explorada aí, sabe. Mas, é como todo lugar né, que tem gente problemática e tal. Eu não me lembro, assim, de nenhuma coisa, é, para eles também, eles sentiam um certo alívio quando tinha aluna fazendo estágio porque ajudava né. Porque diminuía o trabalho para eles. E tinha clínica que dava folga para todos os funcionários, é, nos finais de semana, feriado, só deixava aluno ali, né. Ou então deixava um ou dois funcionários só, e, conforme a clínica e o resto cobria com aluno. Então a gente era, nesse ponto aí, ajudava bastante né, mas era explorado. Mas, mas, de relacionamento de modo geral era bom com a chefia e tudo. Agora, com a estudante, é, como se diz, enfermeira não

pode, né, dar, é, naquela época não podia conversar, né, não podia, é, ter um contato maior com estudante. A gente tinha, assim, lá no DA aqui da Escola de Medicina...

E.: Estudante que você está dizendo, estudante de medicina.

R.: De medicina, é. A gente, aqui no DA, a gente tinha estágio de hora dançante né, que a gente sempre vinha aqui. Então o contato que a gente tinha com eles era mais esse. De vez em quando a gente arrumava uns namoradinhos estudante também, né.

E.: Falou em hora dançante. Nessa época tinha horário de voltar para casa?.

R.: Era nove horas né, às nove horas.

E.: E quando tinha hora dançante, também tinha que voltar às nove.

R.: Era de dia. Era durante o dia.

E.: Ah, era durante o dia...

R.: Não era a noite não. Era à tarde de um modo geral, as horas dançantes eram a tarde. Quando era a noite, você chamava de baile, né.

E.: Ainda tinha a história do sino ainda, nessa, na sua época.

R.: De sino?

E.: É.

R.: Acho que tinha só para a merenda da noite, é. Para chamar para a merenda da noite. Fora isso não, não me lembro de, sino, [acho que não].

E.: É, já que nos voltamos à história do internato, você se lembra da época da construção da, da, dessa, desse prédio.

R.: Não, porque foi depois, não é, não foi depois?

E.: Não, sessenta já estava sendo construído. Mas talvez você não sabia que era aqui, né.

R.: Ah, sim, eu me lembro que é que já tinha começado. Mas a gente, assim, não vinha né, nem sabia que estava construindo a escola. Porque a gente ia ficar lá, provisório na Cruz Vermelha². E a gente ficou um ano mas eu não me lembro se no ano seguinte, a turma depois né, a gente formou, eu não me lembro se depois quanto que demorou para ser inaugurado aqui, sabe.

G.: Rosa, algum estágio fora de Belo Horizonte? Alguma participação em alguma atividade fora?.

R.: Ah, a gente foi, a gente foi.... num congresso uma vez em São Paulo, foi em 59, exatamente no último ano nós fomos em um congresso de enfermagem em São Paulo.

² Retificado para Av. Getúlio Vargas

Inclusive nós ficamos hospedadas em um hospital que tinha lá em Higienópolis não lembro, acho que era hospital, será que era Hospital São Paulo, não me lembro. Acho que foi.

E.: Hospital São Paulo eu não me lembro não.

R.: Não me lembro que hospital que foi não.

E.: Era em Higienópolis.

R.: É. Então eu acho que foi ,Hospital São Paulo, em Higienópolis. Engraçado, eu voltei para lá depois quando eu estava no controle de infecção aqui. E agora que eu estou falando que eu estou lembrando que devia ser lá mesmo. Voltei,lá para a gente ver o, o controle de infecção lá.

G.: Alguma colega sua que foi transferida de curso, transferiu...de outra escola

R.: Não, a gente teve só uma que, a gente teve uma só que desistiu, acho que no final do primeiro ano. E teve uma que parou para fazer um tratamento de tuberculose, que, naquele tempo era prolongado, né, o tratamento. Então ela parou, depois no ano seguinte ela voltou, acho que ela ficou mais ou menos um ano fora.

G.: E por que que essa desistiu, foi só uma que desistiu. Por que...

R.: É, só uma. Eu não sei. Não me lembro por que ela desistiu não. E a gente tinha uma, é, Aparecida [Ferreira] , como ela chamava? A gente chamava ela de Cida, Cida [Bréa]. Ela era muito engraçada que ela veio de um colégio de freiras francesas, que, na é, acho que era francesas. Mas ela, então, lá toda irmã era chamada de madre né. Então a irmã Ana Maria [Leal] que era nossa colega, até o final do curso ela só chamava a irmã Ana Maria de madre. E no fim todo mundo ficou, até hoje a gente encontra com a Ana, a irmã Ana Maria e - aí madre - pegou esse nome, madre.

G.: Rosa, a, a escola, prestava algum serviço, além de está dentro do Hospital né das Clínicas. Ela prestava algum serviço para a comunidade, por meio de plantões particulares...

R.: Não, não...

G.: ...prestação de algum serviço, curativos...injeções a domicílio?

R.: Não, não, nenhum. Que eu nunca ouvi falar que alguma aluna fizesse não.

E.: E vocês não fizeram estágio em nenhum outro hospital além do Hospital das Clínicas.

R.: É, é, porque naquela época ,existia o Hospital Carlos Chagas também. O Hospital Carlos Chagas era de, de, era hospital de, de...

E.: ...doenças transmissíveis.

R.: Doenças transmissíveis né. Então a gente fez só no Hospital das Clínicas, neuropsiquiatria infantil. Foi só aí no Hospital Carlos Chagas, foi. E tinha a Cruz Vermelha também, né, que

funcionava algumas clínicas aí, que no último ano a gente fez estágio aí também na Cruz Vermelha, sabe.

G.: Algum paciente marcante, durante esse período de estágio, algum caso, assim, que você lembra.

R.: Não, eu me lembro que a gente era muito cantada [risos]. [Entra] aquela turma de menina nova, tal. De vez em quando aparecia uns assim cantando, a gente e punha respeito como dizia a irmã Clarizia, tem que por respeito.

E.: Você se lembra de alguma, em específico.

R.: Não, que eu me lembro, não.

E.: Mas, e como é que eles cantavam ?. Como é que era isso?

R.: Ué, passava, fazia comentários, dava psiu e tal. Esse tipo de coisa assim né. Mas a gente passava séria né. Num dava...[risos].

G.: Rosa, vamos falar aqui um pouquinho sobre as solenidades que elas tinham na escola. É, existia a solenidade de imposição de insígnias, na sua época.

R.: Não, não. Não.

G.: Que solenidades que existia, que você se lembra.

R.: Não me lembro de nenhuma, nada, nada. Só mesmo era da formatura mesmo né, fora isso...

E.: Vocês não usavam algum distintivo, alguma coisa.

R.: Não, não. Eu não me lembro de distintivo não.

E.: Não. [inaudível] [sobreposição de vozes]

G.: [Festa junina, nada. Dama da Lâmpada] [sobreposição de vozes].

R.: Não.

G.: Nada, nada.

R.: Eu não me lembro não. Pode até ser que tivesse, mas eu não me lembro não. Agora a gente também, além da, é, desse congresso que nós fomos, foi o único congresso que nós fomos, esse lá de São Paulo de 59 . De vez em quando a gente fazia uns passeios também. Mas eu não me lembro quem, quem programava esses passeios. A gente foi no Caraça [Serra do Caraça , próximo de BH], foi na Gruta de Maquiné, [Cordisburgo - MG], sabe. Então, é, a escola arrumava ônibus né. Então, e levava a turma toda, esses passeios assim.

G.: E sobre o DA - diretório acadêmico. Na sua época você diz que freqüentava festas, festas. E algumas outras atividades promovida pelo DA?

R.: Não, não. Era só isso. Só mesmo hora dançante, que de vez em quando a gente ia.

E.: Mas no DA da medicina.

R.: Era no DA da medicina., da medicina.

E.: E aqui como é que funcionava o DA?

R.: Não tinha.

E.: Não tinha.

R.: Não, não tinha. A única coisa que eles tinham na escola mesmo era só isso,era uma casa comum né, não tinha nada, nem biblioteca.

E.: E como era a relação, como você percebeu, na época a relação da escola com a Faculdade de Medicina, por exemplo [barulho de sirene de ambulância].

R.: Com a Faculdade de Medicina na época [...]. Praticamente não tinha nenhuma não.

E.: Não ?

R.: Não. A gente pertencia a Faculdade de Medicina né. Eu sei que a Escola Carlos Chagas pertencia né à Faculdade de Medicina. Mas, não, ela, só, a nossa formatura foi aqui na faculdade de medicina. Mas, assim, nenhuma outra relação com a Faculdade de Medicina não [barulho de sirene de ambulância].

G.: Alguma greve no seu período...

R.: Não, não.

G.: Alguma greve, porque a escola nessa época estava vinculada a Faculdade de Medicina...

R.: É.

G.: Então, você, alguma situação que, de reivindicação, de luta que você percebeu pela, pelas irmãs para desanexar à escola da Faculdade de Medicina.

R.: Não, não.

G.: Nunca presenciou.

R.: Não, nunca teve. Nunca teve. Isso deve ter sido bem mais tarde né.

G.: Dificuldades que a escola enfrentava, você, você percebia isso ?. A, a diretoria deixava passar isso, as freiras.

R.: Diretoria não. Todo mundo era boba, todo mundo, estava comendo, comendo de graça, dormindo de graça [risos].

G.: Vamos falar então da formatura.?

R.: Estava tudo ótimo...

E.: Só perguntar ela uma coisa, em relação ao uniforme. Vocês é que compravam o uniforme de vocês, ou era a escola que fornecia?.

R.: Ah, essa, esse, era o hospital que fornecia esse uniforme. Era feito inclusive na, é, aí na, na sala de costura do Hospital das Clínicas.

E.: O, o uniforme diário de vocês.

R.: É.

E.: E nesse tempo havia um diferente para a Saúde Pública.

R.: Para saúde pública era blusa branca e uma saia, uma saia, é, azul escura né, justa.

E.: E tinha alguma coisa na cabeça.

R.: Não, uma rede só.

E.: Só a rede.

R.: Usava rede, é.

E.: E era meia fina, falar em meia fina, era muito interessante, que a gente não, é, era, a gente usava essa meia branca grossa mesmo para estágio. E lá na saúde pública a gente tinha que usar essa, a meia fina né.

E.: E o sapato era de que cor?

R.: ...cor da pele. Era preto.

E.: Ah, para a Saúde Pública era preto.

R.: É.

E.: E, e a tal da capa para a solenidade. Também era confeccionada aí, ou era ...

R.: Era, tudo era daqui...

E.: Mesmo a capa...

R.: É, inclusive, é, por exemplo, a capa era da escola mesmo, sabe.

E.: Ah, então tinha a capa, não era individual.

R.: É, não. Era várias capas que, então, eles distribuíam para gente. Não era individual não. A escola que tinha...

E.: Emprestava...

R.: Emprestava para gente nessas épocas aí, de festas né.

E.: E significa que era um tamanho único.

R.: Era. Não, eu, eu acho que devia ser...

E.: Capa de vários tamanhos.

R.: Como que era essa capa, você se lembra [sobreposição de vozes]. Ué, sei lá, eu não sei te descrever...

E.: Tipo godê.

R.: Era, era uma capa godezada, é, rodada assim, godê mesmo, e amarrada assim no pescoço.

E.: Ah, tá. E [tinha umas tiras].

R.: Uma tira. Não abotoava. Não, amarrava não. Abotoava no pescoço. Colocava em cima do uniforme comum.

E.: Ah, sei.

R.: Sabe.

E.: E nessa época a escola não recebia visitas, essas coisas, na época das freiras, na sua época. Visitas, assim, para alguma solenidade, para jantar, essas coisas?

R.: Não.

E.: Não?

R.: Não.

G.: As freiras dormiam onde?

R.: Tinha, era só, a, a diretoria que dormia lá na escola. As freiras de modo geral...

[FINAL DA FITA 1 LADO B]

FITA 2 – LADO A

G.: Vamos falar da formatura, como é que foi a sua formatura.

R.: É, a formatura foi, assim, foi boa. Foi meio tumultuada a programação, é, da formatura. A turma queria em uma época, a irmã já queria em outra. Depois teve uma confusão porque ela, ela, no convite ela quis e no final ficou mesmo né, uma homenagem a superiora delas que morava na França, a tal de “Mère Balancher” que a gente nunca tinha ouvido falar - de repente aparecia - não, tem que por o convite à “Mère Balancher” - e foi aquela confusão, ninguém concordava - mas a gente nem conhece ela- Não, mas tem que por. E, mas, um dia eu estava no elevador. Falava aquela tal de “Mère Balancher”, não sei o que, não sei o quê, e ela entrou no elevador - Mère Balancher não, é meritíssima Mère Balancher. Aí depois ela, não sei, depois que discutiram, foi negócio de convite também, que discutiram com ela, ela falou assim que eu era pequena, magra e tinha cara de menina e era nova, apesar de eu já ter dezenove anos, então ela, ela falou - você é uma pirralha que está fedendo a mamadeira ainda, o que você entende das coisas - mas, assim, foi bastante tumultuado e no final do convite tem a Mère Balancher aí e todo mundo que ela queria que se pusesse então foi colocado no convite né, ai. Mas, mas a formatura é, é, inclusive foi, ela, é, muito interessante que muita coisa, é, que eu tirei nessa ocasião eu escrevi um diário, em 1959. Nesse ano todinho eu escrevi um diário. Muita coisa que eu tinha eu tirei desse diário.

E.: E você jogou fora?

R.: Não, eu não joguei fora. Então muita coisa eu me lembro por causa desse diário. Porque se não fosse isso eu não me lembrava de quase nada mais, né. E então, ela...

E.: Isto significa que você reviu o diário esses dias.

R.: Revi o diário esses dias [risos]

E.: Tinha alguma coisa censurada lá [risos]

R.: Nada censurado. Mas, era mística demais, boba demais também. Então a gente, é, nesse diário, é, nesse dia, é, outro dia eu estava lendo nele uma, uma Miriam [Áurea Rego] que a gente chamava. Então ela era muito gozadeira né, tal...

R.: Da sua turma...

E.: É, e ela ficava lá ouvindo o que ela podia achar para gozar cada pessoa. Então um dia ela me viu escrevendo, chegou e viu que era eu – “Tá escrevendo diário” - e saiu espalhando para todo mundo. Aí eu falei: “que diário que nada, não sei o que, né”. Mas, então, nessa, nessa, nessa época assim do, a gente queria que fosse em dezembro porque a gente teria terminado já o ano né. Então teria que ficar protelando até janeiro. E no final foi no dia trinta e um de janeiro. Foi no final de janeiro nossa formatura. Porque o diretor da faculdade de medicina queria que a gente inaugurasse o salão, é, nobre, que hoje é aquela parte lá de memórias, né, da medicina. Que inaugurasse com a nossa formatura. Então a gente ficou lá toda vida, protelando. Mas foi cerimônia boa sim, sabe. Os namorados vieram, depois teve baile, sabe. E a Jojoca gostava muito da gente, deu um lanche também na casa dela. Brigamos com a irmã Celeste que era da cozinha porque a irmã Celeste não quis fazer o almoço pra gente em especial - vocês não merecem, vocês são muito bagunceira - [risos] - E no fim a gente combinou então que por desaforo, no dia da formatura: “ninguém vai no refeitório do hospital, vamos comer para outros lados, para a casa dos outros” então cada uma deu uma desculpa, todo mundo se espalhou, sabe. Mas foi bom. Eu não lembro assim nada de especial referente a formatura, não me lembro não.

G.: E aí depois de formada.

E.: Deixa eu só perguntar uma coisa, antes do depois de formada. Você falou alguma coisa do relacionamento com a irmã Clarízia. Como que era o relacionamento aluno – irmã Clarízia, enquanto diretora.

R.: Ela tinha um temperamento muito instável, sabe. Uma hora ela te tratava bem e, assim né, e tal. Outra hora ela já estava irritada. Então ela, você nunca sabia o dia que ela estava boa, o dia que você podia aproximar dela, conversar. Ela era, ela era muito assim exigente, mas também ela, ela tinha um temperamento assim estranho né. Ela era bem estranha, bastante estranha mesmo né. Então a gente não, não, brigava bastante tanto, por causa da indisciplina da gente como por excesso de exigência dela. Então, a gente. Eu, eu por exemplo eu não bri, eu não era muito brigadeira não. Era uma menina muito medrosa, muito, assim, já estava acostumada a colégio assim...

E.: Já tinha “know how” né...

R.: É, é. Em colégio e tudo, você tinha que obedecer, tal. Então eu não, não fazia muita bagunça não, sabe. Mas eu era bem rabugenta também, bem brigadeira. Mas com ela não. Brigava mais era com a turma. Mas a turma assim, uma coisa boa que tinha, que eu achava sempre. Eu nunca gostei de rotina né, sempre gostei de coisas novas. Então todo o ano mudava a turma né, saía uma, daí a pouco chegava outras novatas. A gente começava a conhecer também de novo sabe, pessoas diferentes. Mas de um modo geral o relacionamento com o pessoal era bom. A Carmelita é que consertava os negócios lá. Ela era consertadeira de coisas, queimava o ferro elétrico, chamava a Carmelita. No final ela enfezou; “Eu não vou consertar ferro para ninguém, chega, eu vou ensinar todo mundo como é que faz”, ensinou todo mundo como é que consertava ferro elétrico. Eu aprendi até hoje, quando eu vou consertar ferro, eu lembro da Carmelita, tem dia que eu lembro. Mas, é, é, era muita, a gente, as meninas estranhavam bastante esse regime porque achava que era muito rigoroso e tal. Mas eu já achei que era muito mais liberal que do colégio que eu tinha vindo né. Então eu não estranhei esse regime não. Achava que era bem mais livre do que antes né”.

G.: E aí formou, sentiu preparada para começar trabalhar como enfermeira.

R.: A gente, é engraçado, deu aquela dorzinha quando assim todo mundo começou a sair do colégio, da escola, né. Então, a gente, aí todo mundo já vai embora. Acabou a escola, agora é enfrentar a vida profissional. Foi uma fase difícil no início da vida profissional, porque, no início da vida profissional, porque, a gente, sempre mete medo né...

G.: Conta pra gente...

R.: Eu emagreci, acho que uns quatro quilos...

G.: Conta pra gente do primeiro emprego, como é que foi.

R.: Primeiro emprego, berçário. O primeiro emprego foi berçário que eu fiquei um mês só. Então eu sozinha no berçário, sozinha, trabalhando a tarde, sozinha, eu acho que, vinte e tantos recém-nascidos...

E.: Berçário de onde...

R.: Berçário da maternidade...

E.: Pois é, de, de qual hospital.

R.: Do Hospital das Clínicas.

E.: Você já saiu daqui e já foi para...

R.: Foi pro berçário, não, eu fiquei, eu, eu formei, eu fiquei fevereiro, março e abril sem trabalhar. Em maio que eu comecei, finalzinho de maio, vinte e oito de maio que eu comecei.

E.: E foi o que, convite...

E.: É, exatamente. Foi a minha irmã. Não, naquela época não existia concurso né. E, mais tarde, mais tarde, depois de nove anos me admitiram como, é, enfermeira não, nem auxiliar de enfermagem, como, ah meu Deus, até esqueci o termo que eles usaram. Que eu fiquei nove anos ganhando a metade quase do que o enfermeiro ganhava. Assistente de enfermagem, é, assistente, assistente, imagina. Então, é, mas, aí eu fui trabalhar no berçário e tal, fiquei um mês só. Eu estava esperando ir para a pediatria né, que eu queria pediatria. E aí a dona Judite – enfermeira também, ela trabalhava na ginecologia. Ah, falaram que tinha vaga na ginecologia, aí eu falei – ginecologia eu não quero – Então, ela trabalhava na pediatria, então – Não, se quiser troca, você assume pediatria e eu ginecologia né – nós trocamos, ela foi para ginecologia, eu fui para pediatria, sabe. Mas, eu gostava de pediatria, pediatria foi bastante divertido...

G.: Mas e aí, porque você emagreceu, que você falou...

R.: Eu tive uma gastrite. Eu acho que era mesmo aquela mudança, total. Você imagina, você interna tantos anos, depende em tudo né, só cumprir ordens né. De repente eu tinha muita coisa que eu tinha que tomar iniciativa, que eu tinha que ter iniciativa mesmo né. E, então, eu fiquei bem amedrontada né, com esse início de vida profissional, assim, tive uma gastrite, preocupadíssima. Mas, depois eu cheguei no lugar, sabe. Muito medrosa para tomar decisões né, mas, depois eu fui aos poucos chegando, acostumando. Fiquei vinte e seis anos na pediatria.

G.: Então você ficou praticamente na pediatria, esse tempo todo.

R.: É, pediatria. Depois eu fiquei quatro anos no controle de infecção.

E.: Você aposentou, na, na...

R.: No controle de infecção. É, fiquei quatro anos lá.

E.: Por que você resolveu mudar da pediatria para o controle da infecção.

R.: Porque de repente eu pensei assim, eu, eu não vou me aposentar entendendo só pediatria [risos]. De jeito nenhum. Aí eu fui, eu falei assim, a Josefina estava aposentando, perguntou se eu queria ir, aí eu falei – eu quero. Então enquanto eu esperava me mandaram para o Hospital São Geraldo. Eu detestei, que é muito rotineiro, eu não gosto de rotina. Então, detestei o São Geraldo, só consegui ficar lá sete meses. E aí eu fui para o controle de infecção.

E.: Na oftalmologia que você ficou, no São Geraldo.

R.: É, sim, na oftalmologia.

G.: Me conta o que é que é ser rotineiro, o que é rotineiro lá, assim que incomoda você. O quê é rotina.

R.: Olha, a rotina lá no São Geraldo é a seguinte. A única coisa que você fazia era dar remédio e pingar colírio, dar remédio e pingar colírio, dar remédio e pingar colírio. E nesses sete meses, inclusive, eu fiz umas pesquisas lá. Fiz uma rotina de enfermagem, pesquisei, fiz uma rotina de enfermagem, pesquisei, fiz umas pesquisas lá. Fiz uma rotina de enfermagem nos diversos casos: cirurgia de catarata, cirurgia de, de retina, cirurgia disso. Então eu fiz uma rotina e dei para o pessoal lá. Mas, assim, é, eu cheguei lá sem entender nada de oftalmologia também né. O pessoal que me ensinou lá como é que faz. E no final eu cheguei a conclusão que a maior parte que o pessoal fazia lá estava fazendo errado né. Então eu pesquisei bastante, fiz uma rotina lá. Mas eu não, eu não, simplesmente, ah, tem muita coisa lá assim, muita coisa, agora deve ter melhorado, mas na época era muita coisa que deixava a desejar, a desejar. Inclusive eu fiz uma poesia que chama Olhos Ambulantes. Porque o São Geraldo, é via o paciente como olhos ambulantes. Nada mais. O que estava fora do olho, não se importava se era diabete, se precisava de uma dieta especial para diabete, se tinha hipertensão ...

E.: Só tinha o olho...

R.: Só tinha o olho. Então internava, o médico botava, assim, não tinha nutricionista. Então ele colocava assim: dieta livre, só. Aí teve o caso de uma auxiliar de enfermagem lá que uma criança foi deixada lá, um recém-nascido, sete dias sem fazer curativo umbilical. Então quando foi questionado; “Por que você não fez? Eu sou enfermeira de oftalmologia, eu nunca tive filho, como é que eu vou saber curar o umbigo?” Então, assim tipo dessa coisa, era, eram dois olhos ambulantes. [riso]

E.: Só existia um olho, só.

R.: É, tem até essa poesia [a entrevistada mostra o caderno de poesias que trouxe] depois se vocês quiserem. Mas, é, então, aí eu fui depois para o controle da infecção. E foi onde eu vi como que minha experiência de pediatria foi, foi excelente no controle de infecção. Porque pediatria tem de tudo: tem neurologia, ortopedia, cirurgia de tudo quanto é tipo. Então é claro que, muita coisa, eu não entendia praticamente nada de maternidade, centro cirúrgico. Eu tive que estudar feito uma danada, desesperada para poder ver o quê que eu podia colaborar. E o pessoal, e uma coisa que, é, que me incentivou né a estudar mais no controle de infecção é que o pessoal tinha muita confiança em mim. Então, foi “Nossa, olha a minha responsabilidade!”.

E.: O importante é que você tinha uma grande experiência.

R.: Nossa, mas como eu estudei nesse controle de infecção. O que me ajudou muito foi o inglês né, então, porque com inglês que eu tinha foi uma coisa assim, bem mais fácil. E eu

treinei, tinha dia, que eu até esquecia se eu estava lendo era inglês ou português. Pesquisava mais era os livros, né, né, inglês mesmo. Então foi, e essa experiência que eu adquiri em tudo, centro cirúrgico, maternidade né. Prevenção de infecção em cada lugar desses. E, eu falei: Gente, por que eu não vim antes, mais cedo [risos] para, para né, aqui para o coisa. Mas pediatria me deu, me deu, pediatria dá uma experiência muito boa para gente. Eu gostava porque era, era muita coisa diferente. Nada era rotineiro. Nada em pediatria era rotineiro né. Inclusive certas patologias as vezes, que você nunca tinha visto, de repente. Eu vi muita patologia diferente que antigamente quase que nem diagnosticável era né.

G.: Rosa, e sua, participação sua em associações, tipo Associação Brasileira de Enfermagem...

R.: Não, não, nunca participei não.

G.: Nunca participou do, do Conselho Regional.[de Enfermagem]?

R.: Não, não.

G.: Nada.

R.: Não.

G.: É, e a escola, ela, ela, em algum momento ela serviu de referência para você ou não.

R.: Eu acho que não foi muito não, sabe. É, não foi muito não. E, e, eu acho que eu, o que eu adquiri foi mais prática e, e, por eu estudar mesmo sozinha. Porque só de você não ter, aquela, aquela dificuldade que a gente teve na escola não tinha material nenhum, não tinha apostila, não tinha livro, não tinha nada, né. Então você tinha que ser, quase autodidata. Os estágios, assim, nessa precariedade toda, né. Que você praticamente, poucos lugares você tinha um bom acompanhamento. A parte de ambulatório, medicina preventiva praticamente não existia. Então você, não fazia nada em ambulatório a não ser serviço burocrático né. Então, não, a, a escola assim, é, naquela, naquele tempo eu não acho que me ofereceu muita coisa não.

G.: E hoje, quando você entrou, você tinha aquela fantasia, aquela idéia de que que era enfermeira na época. E hoje, o que a enfermeira é hoje hein? [risos]. Qual que é a diferença, como que você vê isso hoje.

R.: Olha, eu, eu fico assim, eu, sabe que, eu, eu estudei até nos dias de eu aposentar, eu estudei. “Mas você está estudando, você já vai aposentar mês que vem!” Eu falei: “Mas eu tenho que deixar para, para quem vem atrás de mim, eu tenho que deixar a coisa atualizada, mais atualizada que eu puder, eu tenho que transmitir para ela é hoje, não é o que eu aprendi ontem não!”. Então eu estudei mesmo, assim, agora, eu fico assim, é, eu não aceito, mas não aceito mesmo, que a enfermeira apenas cumpra ordem médica. Eu acho que ela tem que está na altura de discutir, ainda mais a gente que estava trabalhando em um hospital escola, que tem que ficar na altura de, quando você falar com ele assim – oh doutor, eu acho que isso aqui

não está certo – você tem que saber os, né, falar para ele, estar na altura de, mostrar para ele por que que não está certo né, condições de discutir até com ele sobre aquilo. Então eu não sei se é porque eu fiquei assim, em pediatria muito tempo, juntou a experiência. E eu estudava cada criança que chegava, eu estudava. Eu sabia cada medicamento que o médico receitava, para que servia por que era. “Não, isso aqui, essa dose aqui não está certa não, e tal.” Eu já sabia se o estudante prescrevia alguma coisa errada, eu ia atrás, do assistente né, para, para fazer, do, chefia lá médica lá do andar qualquer coisa, para falar que eu achava que, que, que não podia ser assim. No, no final as vezes estava mesmo errado, as vezes eu estava errada também. Mas eu acho que o enfermeiro, é, pelo menos até quando eu aposentei, já vai fazer nove anos, né, que eu aposentei, grande parte dos enfermeiros só obedecia ordem médica, sem questionar nada, sabe, sem discutir não. Então toda, toda criança, toda patologia que aparecia lá, antes de eu cuidar, de fazer o plano de enfermagem, eu estudava sobre aquilo. Para ver o que era aquilo, o que eu poderia fazer, né, para fazer um plano bem feito, né, de enfermagem e tudo. Então eu não aceito, eu acho que, que mudou, sabe, bastante hoje em dia, que não está mais, né, como era antigamente não. Você fazia muito serviço burocrático e muita obediência né, como se diz, das ordens médicas. Mas, eu, eu fico pensando como tem muita enfermeira ainda que só faz isso. Só faz o que o doutor mandar e pronto né. Então não tem condições, que ela também não tem condições, que ela também não tem condições de discutir com ele. Então eu acho que ela tem que, é, pode ser que ela, claro, tanto, ela não esteja tanto à altura porque afinal ele é um médico, você uma enfermeira, tem as suas diferenças né, claro. Assim como eu, eu acho que, eu tenho até uma filha que é nutricionista, ela até está fazendo doutorado agora na USP lá, em São Paulo. Mas, eu, eu acho que o médico nenhum está em condições de, de prescrever uma dieta. Nem, nem no, o, esse, como se diz, o médico que com problemas, é, .

E.: Endocrinologista [sobreposição de vozes].

R.: Né, tem hora que foge as palavras. Nem endocrinologista ele não tem condições de ficar prescrevendo uma dieta né. E, e antigamente a gente fazia tudo. Não existia psicólogo no hospital, não existia terapeuta ocupacional, não existia...

E.: Fisioterapeuta...

R.: Fisioterapeuta, você que fazia as massagens. A dona Maria do Rosário Barros que era a nossa professora de massagem, né. Era professora de fisioterapia. Então, então não existia, é, é, nutricionista né. Então nada disso. Médico prescrevia e tal, você obedecia ou então a pessoa, dava para a pessoa da cozinha, qualquer coisa assim, não existia. Então a gente tinha essa dificuldade também no início porque a enfermeira era tudo né. Ela que tinha que quebrar

todo o galho,né. Inclusive quem estava na pediatria tinha que ser, não existia, como diz, como [inaudível] a tal da psicologia não [risos]. Então você pegava menino na marra, fazia injeção, esse tipo de coisa. Então, como que a gente foi mudando né, através do tempo, como que eu fui mudando, depois eu fui observando, aquelas crianças que morriam de hospitalismo mesmo né. Eu fiz até um trabalho de hospitalismo, que eu não sei se vocês conhecem, foi em 82 [1982]. Sobre o hospitalismo que eu apresentei até no congresso de enfermagem aqui. E, e como que eu fui mudando também o modo de tratar a criança né. Tirava, cheguei, logo que eu comecei a trabalhar, eu colocava o termômetro debaixo do braço de uma e pegava uma revista em quadrinhos. Estou eu lá, segurando o braço do menino, lendo a revista em quadrinhos, até dar o tempo de tirar o termômetro, né. Hoje em dia, imagina, se eu fazia uma coisa dessa, né. Então, o máximo de contato que você pode ter com a criança, carregar para dar mamadeira. E, e não tinha condições, gente, pessoal era escasso, mas escasso mesmo né, muito pouca gente. Você trabalhava dentro de um berçário com dezoito crianças, sozinha, para tudo. Fazer soro, dar leite...

G.: Tinha que por a mamadeira daquele jeito mesmo, só encostado.

R.: Trocar fraudada, tudo. Tudo sozinha, né, então tinha tudo ali. Não tinha nem condições. E apesar de que, a gente também, não entendia esse tipo de necessidade né. A gente fazia o estágio de neuropsiquiatria infantil sem entender nada de criança, nada de psicologia infantil, para começar, que era a primeira coisa que teria que saber, né. Então eu acho assim, era, era muita coisa mesmo que ficava a desejar, não era pouca coisa não. Foi com o tempo que a gente foi vendo. Eu acho que toda, toda escola sempre tem algo a desejar, mas aquela época, era realmente uma calamidade, que, realmente a gente viu que era depois né.

G.: Rosa, mas e aí, quer dizer que você aposentou-se oitenta e nove, noventa...

R.: Foi, foi...

G.: Em noventa [1990].

R.: Em noventa...

G.: Em noventa você aposentou, e, depois disso aí, o que você vem fazendo.

R.: Então, eu com cinco quilos [risos]...

G.: E, agora, fala um pouquinho para gente, você casou foi quando.

R.: Eu casei em sessenta e seis [1966], sessenta e oito, começava a primeira filha, eu seu que eu fui tendo uma atrás de outra [risos]. A quarta nasceu, a mais velha tinha quatro anos e meio. Depois é que eu dei um prazo de seis, seis anos. Mas, então, a gente nessa, nessa luta trabalhando fora, com filho, tal. De repente quando eu aposentei tinha duas na faculdade, né. Na faculdade o dia todo. E, então, pronto, o serviço de casa que eu distribuía para todo

mundo, ficou praticamente para mim só né. Então, foi uma época bastante. Que eu escrevi até uma peça de teatro, nós apresentamos uma vez aqui na faculdade de medicina que chamava “A Aposentada”,

uma comédia, assim, ficou interessantíssima né, contando como que foi. Aquela aposentada que achou que estava folgada, de repente, aquele sufoco, exagerei um bocado, botei os netos que eu não tinha. E, depois, começaram a sair, uma foi ser modelo, outra, a outra casou tem pouco tempo né. E, outra foi para São, para Ouro Preto [MG] fazer nutrição, fez, agora está em São Paulo, é, terminando, tem três anos, fez dois anos de mestrado, agora está fazendo doutorado. E, a outra fez farmácia, ela, depois fez, é um curso de seis meses para perito criminal. Ela é perito criminal aqui da, do serviço de segurança pública né. E, com isso, a mais nova já está com vinte anos. Está todo mundo fora, agora estou sozinha. Então eu faço teatro aqui no Sesiminas, agora eu parei, porque eu operei o joelho. Eu faço teatro, eu escrevo, eu bordo. Nunca eu esperei de acabar bordando não [risos]. Mas, não perco tempo, porque gosto muito muito de bordar pano de cruz né, para bordar pano de cruz para vestidinho de menino, nunca bordei. Quando foi outro dia apareceu o primeiro neto com, nasceu com seis meses. Nasceu prematuríssimo né. Está lá na Inglaterra. Já bordei, bordei lençolzinho, bordei colchinha [risos].

E.: Me conta como que foi essa sua história do teatro, foi depois de aposentada ou depois...

R.: Depois de aposentada, eu começava com o pessoal da associação dos aposentados da faculdade de medicina, me pedindo para escrever uma peça para teatro, para peça de fim de ano. Eu fale, assim: “ Eu nunca escrevi ma peça de teatro, imagine se eu vou saber escrever peça de teatro!” Aí eu lembrei que eu tinha escrito uma poesia exatamente contando essa trajetória, essa luta, né. É, essa poesia, assim, conta né sobre minha aposentadoria. Inclusive, tem até aquela música do Raul Seixas. Então eu peguei, parei com isso, comecei a escrever a peça de teatro. Aí eu escrevi, depois eu ampliei. Era uma peça, assim, maior ou menos meia hora só agora já dá para apresentar em uma hora.

E.: Pois é, e aí você diz que está no Sesiminas...

R.: Aí eu fui, a partir daí, eu falei assim: “Oh, como é que eu vou começar a escrever peça de teatro?!” Aí fui. Aí eu fui fazer teatro...

E.: No Sesiminas tem, tem teatro?

R.: Tem, toda... Eu já apresentei, é, três peças lá. Todo, todo semestre a gente apresenta uma peça nova, ensaia durante quatro meses e apresenta. Esse semestre.

E.: Só uma coisa, você não faz teatro enquanto ator, você faz enquanto, é escritora de peça.

R.: Não, é, como atora mesmo...

E.: Você faz os dois papéis...

R.: É, como atriz, quer dizer, atriz.

G.: Autora e atriz.

R.: Autora e como atriz. Mas a peça não é de minha autoria não. O pessoal lá é que escolhem, os professores lá que escolhem né. Então eu faço teatro, mas com a intenção de escrever peça. E aí eu escrevi outra, “caipiríssima”, que nós apresentamos também. É, nas festas dos aposentados eu apresentei “caipiríssima”, depois eu apresentei ela também.

E.: Você não fez nenhuma para a enfermeira.

R.: É, eu estou escrevendo uma que chama, é, “Flash Hospitalares”, que são só situações engraçadas ocorridas dentro das enfermarias, sabe. Em ambulatório, esse tipo de coisa.

E.: Você está pensando em apresentar esta em algum lugar.

R.: Não, eu, eu só comecei a escrever. Porque depois eu peguei essas lembranças do, do tempo de colégio e escrevi. Está prontinha essas lembranças. Então, “FLASH Hospitalares” eu vou escrever. De vez em quando...

E.: Essa, quando estiver pronta, eu gostaria de ver...

R.: Não, ela já tem, assim, não tem organizada, sabe...

E.: Quando ela for encenada, eu gostaria de ver.

R.: Mas eu vou, já vou anotando, assim, as coisas. Já vou anotando assim as coisas, já vou, anotando as idéias que me vem na cabeça. Agora, esse semestre, eu já tive que operar o joelho né, que eu estou com umas artroses aí. Então eu operei o joelho e saí, não coisa. Agora o segundo, eu vou para a Inglaterra, que minha filha teve filho lá. E, e, teve prematura.

E.: Como uma boa pediatra, não pode deixar de ir né [risos]

R.: É, mas até que de mim, ela não está precisando não, assim, é, enquanto estava no hospital não. Ele saiu do hospital semana passada com três meses já.

G.: Com três meses...

R.: Depois que completou três meses de hospital. E, vai uma enfermeira lá todos para orientar, para pesar, sabe.

G.: Quer dizer, está com nove meses agora.

R.: É, agora é que está com nove meses. Agora, com isto.

E.: Mas tá bem, tá bem firme, agora.

R.: Está, não, agora está. Nasceu, logo que nasceu com setecentos e vinte gramas. Agora está pesando dois quilos.

G.: Que bom...

R.: Está bem, diz que está muito bem, está muito bem. Então...

E.: Você tem quantos netos.

R.: É só esse, que eu não conheço ainda. Vou conhecer em junho, só em junho que eu vou lá.

E.: E aí, quais são as perspectivas.

R.: [...] Ué, eu, o que eu estou pretendendo fazer é isso, é continuar fazendo teatro e viajar o máximo que puder. Eu morava em uma casa, já vendi, final do ano passado, eu vendi a casa para, para comprar apartamento, exatamente para ter mais segurança. Então, eu não quero, né, tem o meu filho. São quatro filhas e um filho. Que o meu filho vai mudar para o interior agora, logo que ele voltar da Índia, vai voltar só no fim do ano. Está lá para a Europa agora. Então ele vai voltar e vai morar praticamente numa roça né, no interior, em um lugar muito bonito até, chama Vale do Alcantilado, é um ponto turístico muito bom entre o Rio [Janeiro] e Minas [Gerais], na divisa entre o Rio, Resende que chama, Maringá, por ali, naquelas cidades. Então o que eu pretendo fazer é isso, é continuar escrevendo, poesia eu parei uns tempos. Entrei na, na associação, sociedade aí dos, da União Brasileira dos Trovadores, disparei a fazer trovas. Aí eu já estava ficando viciada em trovas, falei: “Ah não, agora chega, fazer trova mais não.” Aí saí, sabe. Então poesia eu já enjoei. Inclusive eu escrevi “Bordado em Poética”, não sei se vocês conhecem...

G.: Não...

R.: Bordado em Poética, que eu escrevi a mais tempo. Isso aqui é só sobre, é, é, é profissional de saúde, arte e saúde e poesia da saúde do conviver, sabe. Mas aqui é minha filha que é modelo [a entrevistada mostra a foto da filha].

E.: E como que é que é ter uma filha modelo.

R.: É bom.

E.: Desde o início foi bom.

R.: Ela, ela foi com dezenove anos, agora ela está com vinte e seis.

E.: E como foi no início, como que foi esse, impacto assim, no início, bonita ela hem!...

G.: Linda!

R.: É, é.

E.: Ela tem um metro e quanto. Um metro e quanto.

R.: Ela tem 1,70 m. Lá em casa foi só uma, só a que é nutricionista que saiu baixinha. O resto, as outras todas, é, são 1,70 m, 1,71 m, sabe. E, então, esse, esse coisa aqui, depois, vocês quiserem eu posso arrumar um para vocês [a entrevistada passa as folhas do seu caderno de poesias]. Só tem esse aqui de resto. Então, essa poesia do, da pediatria da década de setenta aqui, é, “Pediatria anos sessenta” eu fiz uma porção de modificação nela, passe a limpo e, e,

deu uma cópia para o pessoal aí dos aposentados, esqueci de tirar para mim. A menina vai trazer para mim esses dias. São dez folhas, só de, de, sobre como que era na década de sessenta, essa poesia, sabe. E, e aqui, aqui tem poesia, assim, para todos os profissionais, de enfermeiro tem um monte né. Tem aqui “Oração da Saúde”, eu começo com um soneto. Tem a “Vigília” que é da enfermeira noturna. É, “As Ambulâncias”, da, da coisa...

E.: Da oftalmologia.

R.: É, da oftalmologia [barulho do passar das folhas]. E, isso aqui é porque saiu fora de ordem, isso é continuação do outro. “Doação”, esse aqui tem até lá na coisa de, Dr. Herculano tem essa poesia lá. É, um soneto que eu fiz sobre a doação de órgãos, sabe, também. Aqui é para da, paciente, homenagem do, do Hospital das Clínicas.

E.: Dessas todas qual a que você mais gosta.

R.: Eu gosto muito dessa, “Aleitamento”.

E.: Ah, sim.

R.: “Aleitamento” e essa aqui é “Concepção”. Tanto, aqui por exemplo, é sobre o paciente que não é paciente, mas é um soneto, mas participante né. Tem essa aqui, “Essa Fila”, é sobre, baseei na fila da Santa Casa, sabe. Aqueles, aquele pessoal sofrido né. Então, e tudo, aqui é da fila. E o “Anjo Bom” foi para o Dr. Clóvis Boechart, não se vocês se lembram dele, era um pediatra antigo. Morreu, então eu fiz essa poesia do “Anjo Bom”. [inaudível] diz aqui que essa aqui é minha obra prima, que é a melhor que já fiz. [risos]. Essa aqui é a do médico, tem para o fisioterapeuta, nutricionista, sabe. “Duas Mãos” é do médico, esse é antiga, tem uns vinte anos quase que eu fiz essa poesia. Ao fisioterapeuta que é “A Solitude”, fiz a uns quatro anos atrás. Outra da enfermeira, psicólogo, é, terapeuta ocupacional. Inclusive sobre a estimulação infantil. O pessoal tem até lá na sala delas essa poesia, sabe. É, nutricionista. Esta aqui foi declamada na formatura de minha filha. O pessoal declamou sem eu esperar, sabe. Ela pegou a cópia sem eu ver e levou. Esses “Olhos Libertador” é homenagem ao médico oftalmologista. Da assistente social, do farmacêutico, sabe. Então essa é mais do profissional da saúde. “Bate Coração”, isso aqui é para Lélia, vocês lembram da Lélia Madeira. [professora de pediatria da EEUFMG]. Ela me emocionou uma vez que ela me falou, acho que eu já tinha até aposentado, ela falou assim: “Rosa, você foi meu espelho na enfermagem”. “Eu falei: “Oh Lélia, eu fico satisfeita”, porque naquela época a irmã Emília vivia falando: “Vocês não vão dar, gente irresponsável”. Então, se eu achei alguém que eu, a quem eu pude servir como espelho, eu estou satisfeita. Então essa aqui foi o trabalho de, de doutorado dela, de defesa de tese dela né, que ela me pediu para fazer poesia. Então eu fiz “Semente”.

“Solidariedade”, logo que começou a aparecer AIDS, foi em oitenta e sete [1987], que eu fiz essa. Que, é, é, que a gente chamava de aidético ainda, hoje até não chama mais. Essa aqui foi para o Dr. João Resende [Alves], uma pessoa que me pediu para fazer, eu fiz. Essa aqui foi no congresso, foi especialmente para jornada, é, nona Jornada Mineira em Enfermagem em Ipatinga, 1992. Eu já tinha aposentado, nós fomos lá.

[FINAL DA FITA 2 LADO A]

[FINAL DA ENTREVISTA]

Ficha Técnica

Data da entrevista: 27/04/99

Local: Escola de Enfermagem da UFMG

Número de fitas: 2

Duração: em torno de 120 minutos

Entrevistadores: Estelina Souto do Nascimento

Geralda Fortina dos Santos

Andréa Oscar

Traços Biográficos e Sumário: Valda da Penha Caldeira

Conferência de fidelidade: Valda da Penha Caldeira